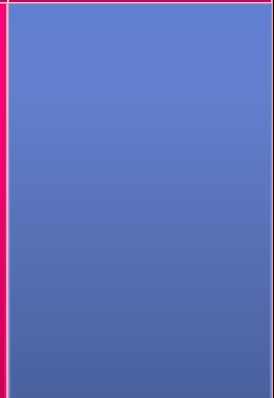
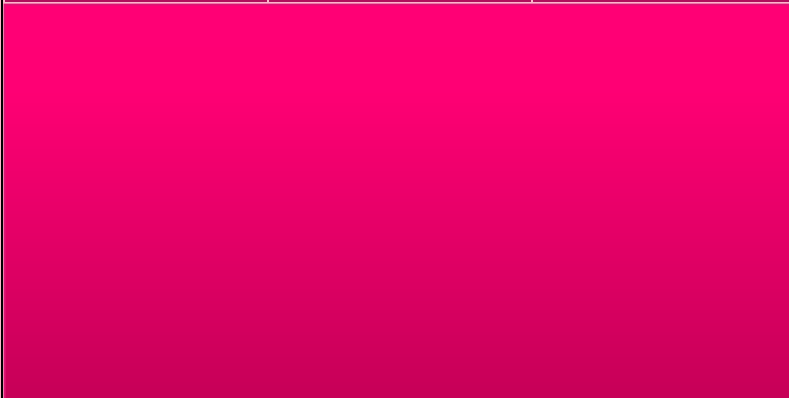


Vitória Ferreira

# *Diário de Bordo*



## Possibilidade de dar tudo errado

Luz, a irmã de Isabel que morava na África, havia acabado de chegar ao Brasil. Juntamente com a irmã, veio o cunhado Pedro e o sobrinho Martin. Seria incrível, reencontrar a irmã anos depois, se não fosse por um mínimo detalhe: O Brasil é enorme. Luz ficaria em Marília, no interior de São Paulo com o restante da família, e Isabel se localizava no Tocantins com seus pais. E por ser longe, talvez não haveria grana para viajar até lá para rever a família. Isabel queria ver a irmã, pois a última vez em que esteve com ela, Isabel era pequena demais e nem se lembrava. Isabel também não conhecia Martin, seu sobrinho. Apenas por Facebook e Skype.

Isabel vivia na cidade de Toca City, no interiorzão do Tocantins. Ficava perto de Palmas, capital. Mas a cidade era pequena, entediante, e Isabel não gostava. Ela

vivia com seus pais Salvador e Maria Amália. O motivo deles pararem lá se deve pelo fato de que saiu emprego para Maria Amália como enfermeira no postinho de saúde da cidade. Salvador era pastor evangélico de uma das igrejas da cidade. Isabel tinha dezessete anos e estava concluindo finalmente o ensino médio. Ela era natural de Tupã, paulista patriota, paulista com muito orgulho, e não pegava de maneira alguma o sotaque sertanejo dos tocantinenses. Isabel puxava o “R” de porta. Paulista sempre.

Luz, Pedro e Martin ficariam no Brasil por uma boa temporada. Uns três meses por aí. Chegaram em novembro e voltariam para a África em Janeiro. Antes de chegarem ao Brasil, eles passaram cinco dias em Portugal, que era onde eles moravam antes de ir para a África. Isabel, Salvador e Maria Amália também já haviam morado em Portugal por um ano, de 2008 a 2009, mas nessa época, Luz, Pedro e Martin já estavam vivendo na África. Vida cheia de encontros e desencontros. Salvador havia passado uma temporada de dez meses em Portugal

em 2005, na casa da filha Luz. Isabel e Maria Amália ficaram no Brasil nessa época.

Voltando ao assunto. Isabel, Salvador e Maria Amália estavam planejando uma viagem ao interior de São Paulo. A grana não era muita, mas daria para viajar. Uma treta: a viagem seria curta, menos de uma semana. Então a próxima decisão era viajar de avião ou de carro. Avião era bem rápido, não se desperdiçava tempo valioso na estrada, daria para passar mais tempo com a família. Mas em contrapartida, lá em São Paulo, eles não iriam ter carro próprio e precisariam depender dos outros. Eles iriam para Marília, mas também passariam em Tupã, pois as respectivas mães de Maria Amália e de Salvador moravam lá, entre outros parentes. A outra opção era ir de carro. Só que a treta era que demorava dois dias de viagem, tinha que parar para dormir em hotel e desperdiçava-se muito tempo na estrada. Mas em compensação, eles teriam o próprio carro à disposição para andar à vontade. Em Marília também morava Cassandra, a outra irmã de Isabel. Cassandra tinha três

filhos. A Clara, de vinte anos, o Duarte, de dezesseis e o Jesus Alexandre, de três meses. Sendo o último, filho dela com o atual marido cujo nome era Emílio.

Luz tinha uma chácara em Marília, onde estavam morando seus sogros, os pais de Pedro. Eles ficariam todos naquela chácara. Quando souberam que Isabel, Salvador e Maria Amália estavam indo para Marília, eles ofereceram hospedagem ali. A casa era enorme.

Isabel preferia ir de avião, pois desde que voltara de Portugal, nunca mais tivera a oportunidade de viajar numa aeronave. Sua vida ficara entediante e chata desde que fora morar em Toca City, um fim de mundo. E visto que a viagem seria curta demais, ela queria aproveitar ao máximo, e não desperdiçar tempo na estrada.

É, mas Salvador decidiu que ia ser de carro e pronto. Segundo ele, com base nas pesquisas de Isabel, avião saía caro, e carro é mais barato.

- Mas pai, o preço sai o mesmo. – disse Isabel.

- Não sei não. Carro é nossa identidade. Com o carro, podemos nos locomover à vontade sem depender de ninguém. Vamos de carro e está decidido. Compramos um carro bom e agora vamos usá-lo. – disse Salvador.

- Pensando bem, vai ser bom. O importante é viajar para lá. – disse Isabel.

- Ah, e esteja preparada para caso você precise ir morar lá para estudar. Primeiro vamos sondar a sua avó e depois a Cassandra. – disse Salvador.

- Seria ótimo se desse certo. Sair desse Tocantins. Respirar novos ares, melhorar a minha autoestima. Mas que seja feita a vontade de Deus. Se for para ficar lá, incrível. Se for para voltar com vocês, tudo bem. – disse Isabel.

Isabel iria entrar na faculdade no ano que chegava. Ela queria cursar Estética, depois ela gostaria de fazer uma segunda faculdade. Na segunda faculdade, ela estava dividida entre Direito ou uma outra que fosse relacionada

à escrita. Isabel era uma exímia escritora, porém no momento não tinha condições financeiras para publicar seus livros. A mesma faculdade que tinha Estética em Palmas, também tinha lá em Marília. E apesar de Isabel dizer que para ela tanto fazia, no seu íntimo ela torcia para dar certo para o lado de Marília. Ela queria voltar a morar na sua terra, São Paulo, lugar desenvolvido e civilizado, onde ela teria oportunidades de ver coisas novas, respirar novos ares, se atualizar e aprender os idiomas que ela queria aprender.

## Preliminares

Tudo certo, mas faltava uma coisa: Maria Amália conseguir o recesso no trabalho. Saiu uma fofoca de que a secretária de saúde não iria dar recesso para ninguém. Ninguém mesmo. Ia tudo trabalhar.

Isabel sofreu de véspera, chorou, descabelou, falou o diabo daquela secretária de saúde em casa, só em casa mesmo sem espalhar por aí, lógico.

- Quem essa daí pensa para falar um negócio desses? Quem manda na parada é o prefeito! O patrão, o chefe, é o prefeito. Não uma secretária de saúde. - disse Isabel.

- Fica calma, docinho. Isso é fofoca. Não foi ela própria que disse, foi um outro camarada lá que disse isso. - disse Maria Amália.

## Diário de Bordo

- Ela vai dar recesso sim. Não é possível que vocês vão ficar trabalhando igual burro em dezembro. - disse Salvador.

E assim foi. A secretária deu o recesso aos funcionários. Primeiro para Maria Amália e um grupo. Depois que voltassem esses, iriam de recesso a outra enfermeira e outro grupo de funcionários.

## Preparativos

A família se preparava para viajar. Era ótimo. Voltar às origens, voltar à terra natal. O esquema seria o seguinte. Eles iriam para Palmas já na sexta no finalzinho da tarde, dormiriam na casa de uma amiga, para no dia seguinte pegar a estrada rumo viagem. Parariam para dormir em Goiás, para depois prosseguir viagem. Chegariam lá ou domingo à noite ou segunda-feira na hora do almoço. Salvador achava que era a segunda hipótese a mais provável.

Os três andavam como aloprados pelos cantos da casa arrumando as malas. Era uma emoção, uma alegria, uma felicidade, principalmente para Isabel.

- Eita felicidade da gota serena! – disse Isabel – Eu vou para minha terra! Vou ver minhas irmãs! Vou conhecer o Martin. E vou conhecer o Jesus!

- Gosto de ver a minha cria feliz assim. - disse Salvador - Hei Isa, você precisa ligar para a sua avó avisando que está indo para São Paulo.

- É mesmo, ó. - disse Isabel - Eu vou ligar para ela agora. Minha vó vai dar gritinhos de aleluia com a notícia.

Isabel pegou o telefone e ligou para sua avó Leonor.

- Alô, vó. - disse Isabel.

- Isabel! Oi amor. Como é que você está? - disse Leonor.

- Eu estou bem, e a senhora? - disse Isabel

- Estou ótima. Melhor agora que você ligou. - disse Leonor.

- A parada é a seguinte. Eu tenho boas notícias. Eu vou passar uns dias em Marília. E vou passar em Tupã para ver a senhora. É que a minha irmã Luz está aqui no Brasil, em Marília, e eu quero conhece-la pessoalmente.

Ela e o meu sobrinho, ele já está com onze anos de idade. Daí como Marília é perto de Tupã, eu aproveito e vejo todo mundo. – disse Isabel.

- *Que boa notícia, amor! Eu estou muito feliz! Vou receber vocês de braços abertos. Quando vocês vêm?* – disse Leonor.

- A gente vai no sábado. – disse Isabel – A viagem dura dois dias. Então eu acho que no domingo a noite a gente chega em Marília.

Fim da chamada.

- E então, ela ficou feliz? – perguntou Salvador.

- Sim, deu gritinhos de aleluia. – disse Isabel – Mas eu deixei claro que não vamos ficar na casa dela.

- Sua mãe vai querer ficar na casa dela, para não ficar chato. E também porque ela está com vergonha de ficar na casa dos pais do Pedro. Ela não quer dar trabalho para eles.

- Nada ver, eles são gente boa e disseram que vão nos receber de braços abertos. – disse Isabel.

- Deixa sua mãe ficar lá na casa da mãe dela. Se ela quer, vamos deixar. Eu é que não quero ficar na casa da sogra. Ainda mais depois de tudo que ela aprontou com a gente. – disse Salvador.

- Nem eu. – disse Isabel – Olha, eu gosto da minha avó. Mas eu estou lá para ver a Luz e o Martin. Eles raramente vêm ao Brasil. E é o fim da paçoca eles estarem no mesmo país que eu, e a gente ter de “skypear”. Mas essa é boa! E além do mais, eu estou magoada com os besteiróis que a minha avó andou falando para a gente quando voltamos de Portugal.

- Vai ver ela mudou. – disse Salvador – Agora que ficou mais velha, deve ter revisto os conceitos.

- Sonha Alice. Pau que nasce torto morre torto. O carpinteiro Jesus está ocupado com coisa mais importante

e produtiva, e não perde tempo com consertando pau torto. – disse Isabel.

- Não blasfema! Não existe impossível para Jesus Cristo. – disse Salvador.

- Perdão. – disse Isabel.

Salvador não se dá bem com Leonor. Mas não é implicância clássica, boba e irritante de sogra e genro. O buraco é mais embaixo. Tipo, Leonor diz que gosta do Salvador, diz que acha ele gente boa e tudo mais. Só que ela é falsa. Ela sempre implicou com as escolhas de Salvador e Maria Amália, pois eles foram trabalhar no Tocantins, depois foram para Portugal e depois voltaram para o Tocantins. Na concepção dela, eles tinham que ficar lá em Tupã na cola dela, debaixo da saia dela, o que era ridículo e incabível. Totalmente sem noção. E então, quando eles voltaram de Portugal e ficaram na casa dela, ela desceu o cacete neles. Falou o diabo para eles. Desceu a lenha, criticou, dizendo que eles fazem tudo errado, que eram perdedores, fracassados, enfim. Também saiu por aí

falando para todo mundo que ela estava revoltada com eles, porque eles ficavam igual cigano mudando de lugar, expôs a vida deles para os outros. Mas o fim da paçoca mesmo foi quando Leonor telefonou para Maria Amália, quando ela já estava no Tocantins, dizendo que uma profetisa (lá de Tupã, lógico) disse que Salvador tinha uma amante e que se ela telefonasse para a profetisa, ela revelava o nome da piriguete. Logicamente era tudo mentira. Salvador era um marido fiel e incapaz de trair sua esposa. Mas Leonor queria separar o Salvador da Maria Amália, destruir o casamento deles e semear a discórdia. Mas logicamente Maria Amália não acreditou em nenhum daqueles improperios. Trocou o chip do celular, mudou de número, que era para sua mãe nunca mais a importunar. Elas ficaram uns bons tempos sem se falar. Ainda bem.

Isabel ficou bem magoada com sua avó Leonor. Desde 2009 até os dias atuais. Tipo, ela gostava da avó, mas não conseguia esquecer as coisas horríveis que ela

Vitória Ferreira

havia dito. Era tipo “eu perdoo, mas também não sofro de amnésia”.

Apesar de tudo, Maria Amália sentia saudade da mãe e queria passar um tempo com ela. Mãe é mãe por mais mala que seja.

## O início da viagem

Aquela sexta-feira foi agitada. Seria o dia em que eles iriam para Palmas, para de lá prosseguirem viagem enfim. Isabel foi para a escola de manhã participar da aula da saudade. Era o último dia de aula, e haveria a despedida.

Mas surgiu uma pequena treta. A aula da saudade foi adiada para a noite, mas muita gente ficou desavisada. E à noite, Isabel já estaria em Palmas e não poderia participar da aula da saudade. Mas Isabel se despediu de algumas das professoras, dos colegas e das amigas que estavam ali. Abraçou todo mundo e se despediu como deve de ser. Após se despedir dos amigos, Isabel ligou para Salvador busca-la.

Logo depois, ele já estava lá. Isabel entrou no carro.

- Oi cria. – disse Salvador.

- Oi paizinho lindo. Acredita que a aula da saudade foi adiada para hoje à noite, e muita gente ficou desavisada. Tudo bem. Eu me despedi de quem estava aqui. – disse Isabel.

- Esse povo é desorganizado. Falta de profissionalismo. – disse Salvador.

Em virtude da viagem, Isabel não iria participar da formatura. Mas ela fez uma boa escolha. Mil vezes melhor era conhecer a irmã e o sobrinho do que participar de uma colação de grau que dura uma noite. A maquiagem sai com água, o penteado se desmancha, o vestido alugado se devolve, é algo efêmero. Mas a experiência de rever seus familiares e voltar para a terra natal é algo que não tem preço. As lembranças, as fotos, as risadas e os momentos bons ficam na memória para sempre.

À tarde, Isabel arrumava os detalhes finais da mala e depois fez as unhas. Estava tudo pronto para viajar. Só faltava Maria Amália chegar do trabalho.

Cinco e meia da tarde. Maria Amália chegou em casa. Após tomarem um banho e trocarem de roupa, eles agasalharam as malas no carro. Enquanto eles estivessem fora, uma conhecida deles iria periodicamente à casa deles para dar comida para os dois gatos deles.

Tudo pronto, era hora de partir. Todos entraram no carro e foram para Palmas. No meio do caminho um toró daqueles pegou eles na estrada. Chovia impetuosamente.

Uma hora depois, eles chegaram em Palmas. Eles ficariam no apartamento da Yvone, uma amiga deles. Ficaram combinados de irem busca-la no trabalho, para irem todos juntos para o condomínio dela.

Salvador, Maria Amália e Isabel foram até o anexo da Secretaria de Saúde, que era onde ela trabalhava. Yvone estava lá os esperando.

- Nossa, que chuva. – disse Yvone – E aí, pessoal?

- Tudo joia. – disse Maria Amália.

- A gente vai passar no Extra primeiro antes de irmos para sua casa. – disse Salvador.

- Então, o esquisitão continuou mexendo com você?  
- perguntou Maria Amália.

- Ele fica me enchendo o saco no Facebook, querendo me dar conselhos de amor e falando altos besteiróis. Gente, o cara é sem noção. Sabe o que ele disse? Que gosta que as mulheres saiam no braço por ele. – disse Yvone.

- Esse camarada é psicologicamente perturbado. – disse Isabel.

- Sem sombra de dúvidas. – disse Maria Amália – Desde a primeira vez que ele foi lá em casa com o Maneco para eles pregarem lá na igreja.

- Fiquei P da vida quando ele veio me dizer que eu pareço índia. Eu não pareço índia. Eu pareço indiana, é totalmente diferente. Detesto quando me comparam com índia. Nada contra os índios, mas eu não gosto de me parecer com eles. Índio é vermelho do olho puxado. Eu sou morena clara e tenho olhos grandes. - disse Isabel.

- Isabel, não liga não. Você não tem nada a ver com índio. Eles associam porque você é morena do cabelo liso. - disse Salvador.

- Olha, Yvone, quer um conselho. Exclua e bloqueie esse tarado do seu Facebook. - disse Isabel.

- Vou fazer isso mesmo. - disse Yvone.

Chegando ao supermercado, Salvador comprou coisas para o jantar, Maria Amália comprou umas toalhas de banho, Isabel queria umas coisinhas para comer na viagem, e Yvone comprou uma torta mousse de chocolate para comer de sobremesa depois do jantar. Compras concluídas, todos foram para o apartamento da Yvone.

Chegando lá, eles comeram frango assado com pão e néctar de uva. Para a sobremesa, torta mousse de chocolate. Naquela noite, eles conversaram e riram bastante, e Isabel fez as unhas da Yvone. Isabel tinha habilidades nessa área, e fazia unhas perfeitamente.

## Agora vai

Quatro da manhã. Isabel, Maria Amália e Salvador acordam. Tomam um banho, vestem a roupa e agasalham as coisas no carro. Yvone acordou cedo também naquele sábado e colocou a mesa do café-da-manhã.

- Bom dia pessoal. - disse Yvone.

- Bom dia. - disse Maria Amália.

Todos se sentaram à mesa para tomar o desjejum. Após o café-da-manhã, eles se despediram de Yvone e iniciaram a viagem.

- Boa viagem para vocês. - disse Yvone.

- Obrigada. - disse Isabel.

- Quando você vai para Santarém? - perguntou Maria Amália.

- Dia vinte e um. – disse Yvone.

- Vamos orar primeiro, antes de sair. – disse Salvador.

E assim foi. Eles fizeram uma oração para que a viagem corresse bem e pediram a proteção de Deus.

A viagem foi tranquila. Salvador, Maria Amália e Isabel conversavam no caminho. Seria uma viagem longa pela frente. Em dado momento, eles pegaram a Belém-Brasília e agora era retão e diretão. Passaram por Brejinho, Alvorada, Gurupi, entre outras cidades. Maria Amália estava com o mapa nas mãos, orientando Salvador para o que precisasse.

Nem demorou muito. Quando eles se deram conta, já estavam no estado de Goiás. Estava chegando a hora do almoço. Eles pararam para almoçar em Santa Tereza. Era uma churrascaria pequena e modesta, com a estátua de um touro na frente. Os três pegaram os pratos e se serviram, depois foram pegar churrasco. Comidinha

simplesinha demais, e a carne estava dura, preta e com aspecto de requentada. Após pesarem os pratos, eles se sentaram para comer e pediram uma Coca-Cola. E de repente aquele restaurante lotou de gente. Fazia-se fila para servir a comida. Era um povo simples, gente da roça.

- Está parecendo o povo de Lizarda. - disse Salvador.

- É mesmo. - disse Maria Amália.

Isabel não conteve as gargalhadas.

Depois do almoço, Maria Amália e Isabel foram ao banheiro. Salvador foi pagar a conta no caixa. O banheiro feminino estava lotado de mulher. Todas elas querendo tomar banho. Umas não tinham pudor, ao se despirem assim na frente das outras. Tudo terminado, mãe e filha saíram e foram ter com Salvador e voltar para o carro.

- Que banheiro lotado. E umas lá não tinham vergonha de ficar peladonas na frente de todo mundo. - disse Isabel.

- Ah, está explicado. Esse povo todo é desse ônibus aqui. Eles devem ser lá de uns cafundós de Judas. – disse Maria Amália.

Em frente à churrascaria estava estacionado um ônibus velho, horrível, desconfortável.

- Esse ônibus está com cara de clandestino. – disse Isabel.

- Não duvido nada que seja. – disse Salvador.

Isabel, Maria Amália e Salvador entraram no carro e prosseguiram viagem. Tudo tranquilo e normal. Isabel resolveu tirar uma sesta depois do almoço. Pegou os travesseiros e deitou no banco traseiro. Ela acordou algum tempo depois, quando Salvador parou o carro para ver uma panela de ferro numa barraca de beira de estrada. Só para pesquisar o preço mesmo, porque não estavam com plano de comprar para agora. E a viagem prosseguiu a tarde inteira.

Às quatro da tarde, eles chegaram em Jaraguá, uma cidade que era conhecida como a capital da calça jeans. Então, para se garantir, era ali em que eles iriam pernoitar. Encontraram um hotel bem ajeitado e por lá ficaram.

O quarto era confortável. Tinha ar condicionado e televisão de tela plana com antena parabólica.

- Pai, eu estou com fome. - disse Isabel.

- Vamos comprar algo para comer. - disse Salvador  
- Maria Amália, quer que eu traga alguma coisa para você?

- Traz para mim um iogurte de frutas vermelhas. - disse Maria Amália.

Isabel e Salvador foram ao restaurante-lanchonete que ficava colado no hotel. Isabel pegou um Cheetos e um suco de caixinha. Salvador comprou o iogurte que Maria Amália pediu. Compras concluídas, eles voltaram para o quarto do hotel. Após o lanche, eles ficaram assistindo o programa do Raul Gil. Era a final do concurso da melhor

empregada doméstica. Depois, começou a novela Joia Rara na Rede Globo.

Quando deu a hora, os três foram à churrascaria perto do hotel para jantar. Serviram-se de comida e de churrasco e sentaram-se para comer. A comida estava muito boa, para compensar a comida ruim que eles comeram no almoço.

## Segundo dia na estrada

Naquela noite, eles dormiram muito bem. O quarto era bastante confortável, todo branco e com forro de madeira, tinha ar condicionado, televisão de tela plana, camas confortáveis e cobertores macios.

De manhã bem cedo, Isabel, Maria Amália e Salvador acordaram, tomaram banho e se prepararam para seguir viagem. Arrumaram as coisas dentro do carro e foram tomar café da manhã no hotel. Era domingo.

O café-da-manhã estava bem variado. Eles se serviram e comeram muito bem. Após o café, Salvador, Isabel e Maria Amália entraram no carro e pegaram a estrada.

Era uma manhã de domingo muito agradável. Domingos costumam ser chatos, entediantes e

aborrecidos, mas aquele não. O dia estava tão feliz que nem parecia domingo. Quilômetros depois, eles passaram por Goiânia. Fazia tempo que eles não andavam por aquelas bandas. Goiânia estava uma cidade enorme, uma metrópole.

Mais alguns quilômetros, e eles atravessaram Goiás e já estavam em Minas Gerais. Quando era hora de almoço, eles pararam para abastecer o carro primeiro. Salvador perguntou para o frentista se ele sabia de algum restaurante bom ali perto.

- Mais para frente tem um restaurante chamado Sabor Mineiro. A comida de lá é muito gostosa. Ai, é uma delícia. Agora a desse restaurante aqui do lado, é horrível. Ah, também tem o restaurante do posto Décio Cacete, só que é longe, bem longe. - disse o frentista

- Beleza então. Obrigado. - disse Salvador.

Salvador, Maria Amália e Isabel pararam no Sabor Mineiro para almoçar. O restaurante era um salão

grandão e vago, sem estacionamento, um lugar feio na beira da estrada. Lá, havia poucas mesas e cadeiras e um espaço vago. Aquele prédio era antigamente um salão de festa, um clube ou sei lá o quê. Era self-service. A comida lá era ruim pra danar. Mas Isabel nem percebeu. Com a fome que estava, passou tudo para dentro.

Enquanto Salvador efetuava o pagamento pela refeição, Maria Amália e Isabel ficaram esperando e observaram que a família que estava em uma das mesas largou toda a comida no prato.

Depois de pagarem o almoço, os três entraram no carro e foram embora.

- Gente, que comida ruim pra danar. - disse Maria Amália.

- Eu estava numa broca, fome de urso mesmo, comi bem. Mas concordo com vocês. Não está lá essas coisas. - disse Isabel.

- Eles fazem uma propaganda dos mineiros, dizendo que comida mineira é a melhor que tem. Mas não é todo mineiro que sabe cozinhar não. Esse lugar não tem nem estacionamento. – disse Salvador.

- Serve de lição para nunca mais pararmos aí para comer. Acho que nem alvará isso tem. – disse Isabel.

- E andei observando uma coisa. O frentista disse que esse restaurante é ótimo. Mas então você percebe que o dono do restaurante e o frentista se parecem. Tipo pai e filho. É cuspidor e escarrador. – disse Salvador.

- Se for isso mesmo, é uma estratégia de marketing e tanto. – disse Maria Amália.

- Achei engraçado o frentista falando: *Ai, é uma delícia.* – disse Isabel, rindo.

Os três caíram na gaitada. E a viagem continuou tranquila. À medida que prosseguiam, a paisagem ia ficando mais bonita. Foi tão rápido, que quando eles se deram conta, já estavam dentro de território paulista.

Em São José do Rio Preto, eles pararam para lanchar. Foram comer coxinha com refrigerante.

Isabel estava feliz demais por estar em solo paulista. As estradas em São Paulo são melhores, as paisagens são mais bonitas, os ares são diferentes. Isabel mal podia esperar para chegar em Marília. Aquela viagem estava prometendo bons momentos.

## Chegando em Marília

Eram umas seis e meia da tarde quando eles chegaram em Marília. A chácara da Luz e do Pedro ficava logo na entrada, eles acharam logo o caminho. Salvador buzinou para ter certeza de que era ali.

- Aquele ali é o Frederico. Conheço de longe. - disse Salvador.

- Olha, é o Martin. - disse Isabel - Meu sobrinho cresceu.

Martin abriu o portão e saiu correndo ao encontro do vô Salvador e da tia Isabel.

- Vô, quanto tempo! Me dá um abraço. - disse Martin.

- Martin, meu neto. Que saudade de você! Mas cresceu esse menino. Martin, essa aqui é a Isabel, sua tia. E aquela é a Maria Amália, minha esposa e mãe da Isabel. - disse Salvador.

- Oi tia. Me dá um abraço. - disse Martin.

- Martin, meu sobrinho. Finalmente estou te vendo pessoalmente, ao vivo e a cores na minha frente. - disse Isabel.

Tia e sobrinho se abraçaram. Salvador entrou com o carro na chácara. Luz e Pedro estavam os esperando.

- Maninha! Faz anos que não te vejo pessoalmente. Nem lembro da última vez que te vi mesmo sem ser via Skype. - disse Isabel.

- Me dá um abraço aqui. Mas que saudades que eu estava. - disse Luz.

- Cunhada! Quanto tempo! Da última vez que te vi você tinha menos de três anos. - disse Pedro.

Todos se abraçaram.

- Pai, que saudades. Quanto tempo. – disse Luz – Oi Maria Amália, tudo bom com você?

- Ah sim, tudo ótimo, Luz. Quanto tempo. – disse Maria Amália, cumprimentando Luz.

Frederico e Maria Neuza, que eram os pais de Pedro e sogros da Luz, foram cumprimentá-los.

- Salvador! Quanto tempo, meu amigo! – disse Frederico.

- Pois é! E aí, já se tornou o prefeito de Marília? – disse Salvador.

- Infelizmente não. Nas últimas eleições, eu só fiquei com cinco votos. Acho que só a minha família votou em mim mesmo. – disse Frederico.

Maria Neuza estava toda chique, com o cabelo arrumado.

- Olá, pessoal. Quanto tempo! Eu acabei de chegar agora do plantão no hospital. E a gente está aqui numa correria para se arrumar para ir para o culto. Então você é a famosa Isabel que todos falam? – disse Maria Neuza.

- Sim, eu mesma. Prazer em conhecê-la. – disse Isabel.

- Igualmente. – disse Maria Neuza – Maria Amália, como vai você?

- Vou bem, obrigada. – disse Maria Amália.

Lia, a irmã do cunhado de Isabel, juntamente com o seu marido Rafael, foi cumprimentar os visitantes que vieram de longe. Eles tinham uma filha de três anos cujo nome era Felícia.

- Oi Salvador, Oi Maria Amália. Quanto tempo. A gente não se vê desde Portugal. – disse Lia – Peraí, essa daqui é aquela menininha? Mas está enorme, deu uma espichada.

- Pois é, eu tinha onze para doze anos naquela época. Agora estou com dezessete. Quanto tempo, Lia. - disse Isabel.

Todos se sentaram nas cadeiras no grande alpendre da casa.

- Tia, então você mora na terra dos índios. - disse Martin.

- A cidade onde estamos, tem muitas aldeias em torno dela. Mas eu não moro na aldeia. Mas na zona urbana há muitos índios também. Eu tinha colegas índios na escola inclusive. Uma das minhas melhores amigas é uma índia. - disse Isabel.

- Você sabe falar a língua deles? - perguntou Martin.

- Não. - disse Isabel - A única coisa na língua deles que eu sei falar é Deus e menino. Deus é Waptokwã Zawré. Menino é Turê.

- Ei tia, você tem dezessete anos. A Clara tem vinte anos. Então você tem uma sobrinha mais velha do que você. – disse Martin.

- Sim, é verdade. – disse Isabel.

- Curioso caso da tia mais nova o que a sobrinha. – disse Martin.

- Pois é. – disse Isabel – Ei, Martin, você sabe falar francês?

- *Oui*. – disse Martin. E pôs se a falar francês fluentemente e desenfreado. Isabel não entendeu nada, pois ele falava rápido e também era um francês do Senegal. Isabel começou a aprender francês na sétima série em Portugal, e era a melhor aluna. Mas depois teve que voltar para o Brasil e nunca mais teve oportunidade de continuar aprendendo. Ela sabia poucas palavras e frases isoladas, dias da semana, saudações, alguns números, sabia falar sim e não, *regarder* e *je ne sais pas*.

- *Pardon, je ne sais pas du français. Je ne parle pas français.* - disse Isabel - Mas bem que você me podia me dar umas aulinhas de francês.

Isabel ficou envergonhada pelo fato de que seu sobrinho de onze anos falava perfeitamente o francês, e ela com dezessete anos, ainda não tivera oportunidade de aprender. E Martin sabia falar inglês fluentemente, e Isabel não. Era o mesmo caso do francês. Só que em inglês, Isabel sabia mais. Isabel conseguia interpretar textos, traduzir, resolver as tarefas de escola, tirava as melhores notas em inglês. Ou seja, na teoria era uma beleza. Mas na hora da conversação, Isabel não se saía bem. Pelo simples fato de não ter oportunidade de conversar e praticar a conversação com outra pessoa. Isabel se sentiu mal, se sentiu parada no tempo e desatualizada. Vivendo naquele meio de mato que era Toca City, não tinha oportunidades de aprender nada e nem de se atualizar. Sentiu-se uma caipira.

- Epa, espere aí. – disse Martin - Eu estou do lado dos meus dois avôs. Vô Frederico e Vô Salvador. O encontro dos Souza e dos Ferreira. Tia, você também é Ferreira?

- Opa, com certeza. – disse Isabel – Isabel Ferreira a seu dispor.

Estavam todos se arrumando para ir para a igreja.

- Isa, vai entregar o presente para sua irmã. – disse Salvador.

- Com prazer. – disse Isabel. E pegou o presente que era para dar para Luz.

- Luz! *Where are you?* Cadê você? – disse Isabel.

- Ela está no quarto se arrumando. – disse Pedro.

- Isabel, pode vir. – disse Luz.

- Já vestiu a roupa, Luz? – perguntou Isabel.

Vitória Ferreira

- Tá com medo de me pegar sem roupa? – disse Luz.

Isabel riu.

- Tenho um presente para você. – disse Isabel.

- É presente dos índios? – perguntou Martin.

- Não, é dos brancos mesmo. – disse Isabel.

Isabel presenteou a irmã com um estojo de cosméticos.

- Obrigada, maninha. Adorei o presente. – disse Luz – Ah, e eu também tenho presente para você.

- Uma caneca de gato. Que linda! – disse Isabel – Amei o presente. Obrigada.

- Eu pensei em trazer algo da África para você, mas aí eu resolvi trazer isso de Portugal. Porque você ama aquela terra, é fanática por Portugal, e ainda por cima

gosta de gato. Comprei essa caneca aqui na Loja do Gato Preto. – disse Luz.

- Eu sempre quis um artigo da Loja do Gato Preto. Tem um monte de coisa legal naquela loja. – disse Isabel.

Todos ali na casa iriam para a igreja naquela noite. Salvador, Maria Amália e Isabel iriam ficar na chácara, pois estavam cansados da viagem. Então Cassandra viria para a chácara com Emílio, Clara, Duarte e o pequeno Jesus.

A visita de Cassandra & Cia.

Salvador, Maria Amália e Isabel tomaram um banho daqueles e trocaram de roupa. Logo depois, eis que chega a chácara o carro preto de Cassandra. Era ela, o marido e os filhos. E todos saíram ao encontro para aquele abraço.

- Cassandra, maninha. Me dá um abraço. Mas que saudades que eu estava de você! – disse Isabel.

- Isa, quanto tempo! – disse Cassandra – Mas como você cresceu.

- Boa noite. – disse Emílio. – Prazer em te conhecer, cunhada.

- Igualmente, cunhado. Finalmente te vendo ao vivo e a cores. – disse Isabel.

Na cadeirinha de carro própria, estava o bebê Jesus Alexandre.

- Então esse é o Jesus, meu sobrinho mais fofo da tia. – disse Isabel – Ai que amor!

Também lá estavam a Clara e o Duarte. Cumprimentaram Isabel normalmente, nada de “Quanto tempo” e “que saudade”. Nem parecia que eles ficaram anos sem se ver. Clara estava com um visual meio punk misturado com otome, uns alargadores, piercing, tatuagens, corte de cabelo tipo Joãozinho, metade da sobancelha raspada, maquiagem bem feita estilo mangá japonês. Ela tinha aquele cabelo curto para possibilitar o uso de perucas das mais variadas cores e estilos, para mudar de estilo toda vez. Totalmente diferente de antigamente.

- Clara, tudo bom? Pelo visto você trocou a cor do cabelo outra vez. Ficou bem. – disse Isabel.

Clara não estava a fim de muita conversa, e Isabel estranhou isso.

- Oi, Isa. – disse Duarte.

- Oi. – disse Isabel.

Clara e Duarte não chamavam Isabel de tia. Isso porque Clara era três anos mais velha do que Isabel, e Duarte era apenas um ano mais novo do que Isabel. Então a tratavam pelo nome mesmo. Ela nem se importava, era como se fossem primos dela. Então, quando Martin chamou Isabel de tia, Isabel ficou encantada. Finalmente alguém!

Todos sentaram-se para trocar as novidades. Clara e Duarte estavam sentados um perto do outro, e não conversavam com ninguém. Duarte estava balançando na cadeira de balanço, e isso estava irritando Clara.

- Você quer parar com isso, por favor? – disse Clara, muito educada.

- Qual é a graça de se estar numa cadeira de balanço, e não poder balançar? – disse Duarte.

Isabel percebeu que os dois sobrinhos estavam assim sem estar a fim de papo. Tipo, o avô e a tia vieram de tão longe, e eles nem aí.

- Isabel, você quer segurar o Jesus? – perguntou Cassandra.

- Ah, sim. Desde que ele não chore no meu colo. – disse Isabel.

- A Isabel tem trauma porque um bebê que ela pegou no colo chorou, e aí ela ficou constrangida. – disse Salvador.

- Eu adorava pegar todos os bebês no colo, mas daí um que eu peguei começou a chorar. Daí o pai dele pegou de volta e foi embora. É daqueles bebezinhos que só são acostumados no colinho do papai e da mamãe. Fiquei constrangida, e depois dessa nunca mais. Perdi a paciência. – disse Isabel.

- Ele não vai chorar não. Pode pegar. - disse Cassandra.

Isabel pegou o sobrinho no colo. Ele era um amorzinho de bebê. Branquelo do olho azul, a coisa mais fofinha do mundo.

- Agora esse bacuri vai se acostumar com a tia dele. - disse Isabel.

Clara continuava sem falar nada. Então resolveu ir dormir em um dos quartos. Isabel só observando e pré-julgando. Em seu pensamento, ela dizia *“Mas que estúpidos eles estão. O avô e a tia vêm de longe para vê-los, e eles não dão nem moral. E isso é hora de dormir? Sete da noite. No mínimo ela deve ter caído na gandaia altas horas. O que aconteceu com a Clara, ela não era assim.”*.

- Eu vou cozinhar hoje. - disse Cassandra.

- Você sabe cozinhar? - perguntou Isabel.

- Claro que eu sei, e você já comeu a minha comida.  
- disse Cassandra.

- Agora eu estou me lembrando. Memórias de 2007.  
Um dia que a gente foi lá na sua casa, e você fez salsicha com molho. - disse Isabel.

- Eu nem gosto de salsicha. Naquela época isso não entrava em casa. Eu só comecei a comprar agora, depois que eu casei com o Emílio, eu faço para ele porque ele gosta. - disse Cassandra.

- Moral da história, nem lembro direito. - disse Isabel.

Então Cassandra tomou conta das panelas e pôs-se a cozinhar. Isabel estava sentada na cadeira de balanço, pensando na vida. Eis que de repente Duarte aparece com uma caixa de Banco Imobiliário nas mãos e diz:

- Isa, você quer jogar?

- Sim, vamos. - disse Isabel.

Duarte e Isabel foram para a mesa e montaram o tabuleiro para jogar. Aquele Banco Imobiliário era evoluído. Ao invés de cédulas em dinheiro, as transações eram feitas na maquininha de cartão de crédito. Cada jogador tinha o seu cartão de crédito. Então Isabel percebeu que Duarte não estava estúpido quanto ela pensava. Mas ela ainda tinha dúvidas sobre Clara. Estava distante, não estava a fim de conversa e foi dormir.

Logo depois, o jantar ficou pronto. Cada um montou seu prato e foi para a mesa comer.

- Quer que eu chame a Clara? – perguntou Duarte para Cassandra.

- Melhor não. Deixa a sua irmã em paz, ela está de bico, está emburrada. – disse Cassandra.

Isabel pensou: *“Está de bico por quê? Está revoltada? Queria ir a algum lugar e a mamãe não deixou? O que aconteceu com a Clara? Minha sobrinha era um amor de pessoa, não sei o que está havendo.”*.

Salvador perguntou para Cassandra porque Camila estava dormindo. Cassandra respondeu:

- Ela está com cólica.

Então Isabel ficou envergonhada dos seus pensamentos. Como poderia julgar e preconceber pensamentos sem antes saber da realidade? Clara estava com cólica, quando se está com cólica, a pessoa não quer mesmo saber de conversa, aliás, não tem força nem disposição para falar e conversar, e a única coisa que quer fazer é ficar deitada na cama. É como se um dinossauro estivesse comendo seu útero por dentro. Isabel pensou: *“Nunca mais vou julgar pela primeira impressão”*.

Depois do jantar, Isabel e Duarte voltaram para o Banco Imobiliário. Logo depois, Clara acordou e foi se encontrar com eles.

- De onde surgiu esse Banco Imobiliário? - perguntou Clara.

- Achei bem ali. - disse Duarte.

Vitória Ferreira

- O que tem para o jantar? – perguntou Clara.

- Arroz, feijão e frango de panela. – respondeu Duarte.

- Acho que não vou jantar não. Estou sem fome. – disse Clara.

- Clara, eu tenho remédio para cólica na minha bolsa. Se você precisar, eu pego para você. – disse Isabel.

- Não, obrigada. Eu já tomei remédio. – disse Clara.

- Joga com a gente. – convidou Duarte.

Então Clara se juntou a eles para jogar.

- Sabe o que eu estou observando nesse jogo? Que isso tudo é uma pura propaganda. Ipiranga, Nívea, Vivo, Itaú, Master Card. – disse Clara.

- Concordo plenamente. – disse Isabel.

O jogo estava divertido demais. Até que Isabel foi parar na cadeia no jogo, e para sair, ela tinha três chances

de tirar dados duplos para sair, mas se nas três chances ela não conseguisse, ela pagava quinhentos reais. Só que os dados estavam de sacanagem com ela. Três tentativas, não saíram os dados duplos, Isabel teve que pagar. Aí ela tinha que jogar os dados de novo para sair e pular as casas. Mas depois que ela já tinha gasto os quinhentos reais, os dados davam dados duplos. E isso aconteceu umas duas ou três vezes ao longo do jogo. E todos riram.

- Isa, eu acho que esses dados estão de troll face com a sua cara. - disse Duarte, rindo.

- Deu para perceber. Esses dados estão me sacaneando. - disse Isabel, rindo.

Eles ficaram jogando ali por muito tempo.

- Sabe que jogo cairia bem? Jumanji. - disse Duarte.

- Fala sério, esse jogo é diabólico. - disse Isabel.

- Mas seria da hora jogar ele. - disse Duarte

Logo depois, chegou da igreja todo aquele povo. Luz, Martin, Pedro, Frederico, Maria Neuza, Rafael, Lia, Claudine, que era outra irmã de Pedro juntamente com seu marido e suas duas filhas, sendo que esses só passaram por lá e já voltaram para a casa deles. Martin foi logo ver Isabel, Duarte e Clara.

- Tia, hoje eu preguei lá na igreja. – disse Martin.

- Que legal. Eu tenho um sobrinho pregador. – disse Isabel.

Clara cansou de jogar e saiu do jogo. Duarte e Isabel continuaram jogando. Então Martin começou com umas brincadeiras bestas.

- Duarte, ela é a sua tia. Vocês não podem namorar. – disse Martin.

- Mas isso é incesto. – disse Isabel.

- Não liga não, Isa. Ele é pervertido. – disse Duarte.

Isabel riu-se. E Martin continuou.

- Ele me disse que ainda não encontrou o amor da vida dele. Tia, você acha ele bonito? – disse Martin.

- Nada a ver, Martin. Então se uma pessoa achar outra bonita, quer dizer que é para namorar? – disse Isabel, rindo.

- Tia, ele tem Xbox e Playstation. Interessante, não? – disse Martin.

- Você está me irritando aqui, Martin. Ô tio, ó o Martin aqui irritando a gente. – disse Duarte.

Pedro entrevistou e disse:

- Para de palhaçada, Martin.

- Mas o que foi que eu falei de errado? – perguntou Martin.

- Martin, é feio falar isso. – disse Isabel, curta e objetiva.

- Foi mal. – disse Martin.

- Você está desculpado. – disse Isabel.

- Martin, já que a Clara saiu, você pode entrar no lugar dela. Você tem vinte mil no cartão de crédito e esses termos de posse. – disse Duarte.

Enquanto isso, Cassandra, Emílio, Clara, Salvador e Maria Amália se posavam para fotos. Só que Maria Amália tinha vergonha de sorrir, porque não tivera grana para corrigir os dentes com aparelho.

- Maria Amália, você tem que sorrir nas fotos. Você só tira foto séria, para com isso. Você tem um sorriso lindo, abra a felicidade. – disse Cassandra.

Então Maria Amália perdeu a vergonha de sorrir, e agora sim suas fotos ficaram boas.

Aquela foi uma noite muito agradável onde todos se divertiram.

Era meia-noite quando todos se preparavam para dormir. Salvador e Maria Amália iriam dormir no quarto de hóspedes. Isabel iria dormir na sala com Martin.

- Tia, vamos assistir a um filme de comédia? – sugeriu Martin.

- Não, Martin, agora é hora de dormir. Amanhã a gente assiste, pode ser? – disse Isabel.

- Ok então. – disse Martin.

Luz colocou o colchão no chão da sala para Isabel. Martin iria dormir no sofá de canto. Isabel se acomodou no colchão.

- Tia, você está cansada da viagem? – perguntou Martin.

- Mais ou menos. Nem tanto. – disse Isabel.

- Quanto tempo vocês demoraram a chegar? – perguntou Martin.

Vitória Ferreira

- Dois dias. – disse Isabel.

- Boa noite.

- Boa noite.

Isabel e Martin dormiram. Era tarde da noite. Seria um dia cheio. Isabel iria à casa da avó em Tupã.

Primeiro dia: Casa da avó

O despertador do celular de Isabel tocou às seis da manhã. Ela ficou assustada demais. Não era para tocar. Ela desligou logo para não acordar os outros. Mas daí ela se lembrou de que o despertador era programado para tocar nesse horário de segunda a sexta para ela ir à escola, e Isabel se esqueceu de desativá-lo, visto que agora estava de férias, e que depois de janeiro, ela iria para a faculdade, e estudaria à noite. Isabel apagou o alarme do celular e voltou a dormir.

Às oito e meia, Isabel acordou para valer. Ela dobrou os lençóis, tudo bonitinho, e depois foi tomar banho, escovar os dentes e se arrumar. Naquele dia ela iria para Tupã com seus pais, sua irmã e seu sobrinho. Iria para a casa da avó Leonor.

Salvador, Maria Amália, Luz e Pedro já haviam acordado e agora estavam no alpendre. Maria Neuza já havia ido trabalhar e Frederico havia ido à padaria para comprar pão de queijo e pão francês.

- *Bonjour mademoiselle.* – disse Pedro.

- *Bonjour. Comment allez vous?* – disse Isabel.

- *Très bien, merci.* – disse Pedro.

O alpendre era enorme e comprido. Havia um balcão como divisor, e para lá do balcão havia uma pia de lavar louça, um fogão, uma mesa comprida, armários, forno de micro-ondas e uma mesinha redonda. Virando, o alpendre continuava, tinha uma churrasqueira de tijolo, e em frente, ficava o quarto da Lia, do Rafael e da Felícia.

- Me deixa ver essa maquiagem. – disse Salvador – O seu olho está preto demais, você carregou muito nesse lápis, mostra pra sua mãe.

- Eu vou lá consertar isso. Eu devo ter me esquecido de apontar o lápis de olho. Não pense você que eu gosto de exagerar em maquiagem. – disse Isabel. E foi consertar a maquiagem.

Na mesa, o café da manhã estava quase colocado. Havia leite, café e um bolo de chocolate com cobertura. Isabel serviu-se de bolo e começou a comer. Logo depois, Frederico chegou da padaria com uma sacola de pão de queijo e outra de pão francês. Isabel serviu-se pão de queijo.

Martin continuava dormindo no oitavo sono. Mas Luz foi acordá-lo.

- Martin, filho, acorda. A gente vai para Tupã. – disse Luz.

Martin acordou e foi escovar os dentes e se arrumar para sair.

- Bom dia, tia. Como você passou a noite? – disse Martin.

Vitória Ferreira

- Passei bem, obrigada. – disse Isabel.

Lia estava se arrumando para ir trabalhar. Ela era formada em Fisioterapia.

- Então, Lia. Arrumou emprego na sua área. – perguntou Salvador.

- Não, eu estou trabalhando como assessora parlamentar. – disse Lia.

- Assessora de deputado? – perguntou Salvador.

- De vereador. – respondeu Lia.

- De vereador? Mas isso é coisa de pobre. – disse Salvador, em tom de brincadeira. Lia caiu na gargalhada. Isabel também.

Após o café-da-manhã, Salvador, Maria Amália, Isabel, Luz e Martin entraram no carro vermelho da Isabel e foram para Tupã. No caminho, eles conversavam.

- Hoje a gente vai na casa da avó Marline também. – disse Luz.

- Ah é, eu quero ver a minha mãe. Ela já está com mais de noventa e seis anos de idade. Isa, enquanto a gente for à casa da avó Marline, você fica na casa da avó Leonor até a gente voltar para almoçar lá na casa dela, já que você não vai dormir lá, aproveita para ficar um pouco lá para sua avó matar a saudade. A sua mãe vai ficar lá até quarta. – disse Salvador.

- Ok então. – disse Isabel – Então quando a gente voltar para buscar a mãe, eu quero passar na casa da avó Marline.

- Se a bisá tem mais de noventa e seis anos, então ela viveu na época da Guerra Mundial Dois. – disse Martin.

- É mesmo, ela é desse tempo. – disse Salvador.

- O Brasil participou da Guerra Mundial Dois? – perguntou Martin.

- Sim, Martin. Enviando soldados para lutar na guerra. – disse Isabel.

- De que lado o Brasil ficou? – perguntou Martin.

- Do lado dos Aliados, porque ele não era besta. – disse Luz.

E a viagem continuava. Eles passaram por Oriente, Pompeia, Quintana, Herculândia, até chegar em Tupã. Durante a viagem não faltou assunto.

- Ah, pai, o irmão Zé Fernandes já está velhinho, nos seus últimos dias, eu fui lá ver ele. Aí ele disse: *eu quero ver meu amigo Salvador*. – disse Luz.

- Não tem nada de “meu amigo Salvador” não. Esse Zé Fernandes aí só me jogou balde de água fria quando ficou sabendo que eu ia para África. Ele disse que eu não ia conseguir, que eu não ia ter apoio, enfim. A intenção dele era que eu desistisse. Ah, mas antes dele morrer, eu quero falar umas poucas e boas para ele. Não tem essa de meu amigo Salvador não. – disse Salvador.

- Eu lembro. – disse Luz – Ah, você lembra do Calebe, o filho dele?

- Opa, com certeza. Eu lembro que um dia a gente estava lá no meio do mato, tendo um culto lá na Estremadura, daí a gente estava cantando aquele hino 243 da harpa cristã. E na parte que fala “abençoa o nosso canto, e dá vida aos moribundos”, o Calebe cantou bem alto “e dá vida aos marimbondos”. Só sei que o pai dele olhou sério para ele, e ele ficou tão sem graça. – disse Salvador.

- Eu acho que ele pensou assim: “é hoje que eu durmo com o couro quente”. – disse Isabel, rindo.

- Bem por aí. – disse Luz.

Maria Amália estava quietinha, no banco do carona, não disse nada.

- O Calebe é espertalhão, devia se chamar “Calebre”. – disse Salvador, rindo.

Todos riram. Mas Martin não entendeu a piada. Então Luz explicou em inglês para ele.

- The rabbit is a very, very smart animal, and runs fast. – disse Luz.

Isabel se sentiu bem, pois entendeu tudo o que Luz falava. Mas pensou em seus botões: *“Quem me dera saber falar inglês igual às minhas irmãs e o meu sobrinho”*.

Menos de uma hora depois, eles já estavam em Tupã.

- Minha cidade natal. É boa, mas prefiro Marília mil vezes. – disse Isabel.

Salvador se dirigia à casa da vó Leonor. Depois de 2009, ela se mudou para outra casa, para morar sozinha. Antes, ela morava com sua filha Angelina, irmã da Maria Amália e tia da Isabel. Durante muitos anos. Mas daí ela resolveu ter o seu próprio recanto. Leonor e Angelina juntas na mesma casa era só discussão. Angelina era bruta

e respondona, saia cada arranca rabo com Leonor. Isabel pegou a influência da tia.

- Mãe, fique bem. Qualquer besteira que ela falar, você me liga. Porque eu volto aí pra te buscar. Se ela falar impropério, eu vou ser sua protetora, seu anjo da guarda e advogada. – disse Isabel.

- Advogada? – perguntou Martin.

- Sim, advogada. Adoro defender os fracos e oprimidos. Não posso ver ninguém sendo injustiçado, que eu já chego na voadora.– disse Isabel.

Depois de virar algumas ruas e esquinas, finalmente eles estavam na casa de Leonor. Todos desceram do carro. Isabel foi a primeira a aparecer no portão e bateu palmas. A Leonor apareceu lá.

- Vó, a senhora tá me reconhecendo? – disse Isabel.

- Claro que sim, meu amor! – disse Leonor – Ai, quanto tempo, que saudades! Nossa, mas como você cresceu. Está enorme!

- Me dá um abraço. – disse Isabel.

- Oi mãe. – disse Maria Amália – Saudades.

- Oi filha. Tudo bom com vocês? – disse Leonor.

- Tudo ótimo. – disse Maria Amália.

- Mas que fusca bonito. – disse Isabel – Lá em casa tem um, só que o meu é verde.

Leonor tinha um fusca branco muito bonito, em excelente estado de conservação.

- Salvador, meu genro. Quanto tempo! – disse Leonor.

- Oi, dona Leonor. – disse Salvador.

- Vó, essa aqui é a minha irmã Luz e esse aqui é o meu sobrinho Martin. Eles moram na África. - disse Isabel.

- Prazer em conhecê-los. - disse Leonor.

Todos foram convidados para entrar.

- Ei, Maria Amália, aquele carro é da filha do Salvador? - perguntou Leonor.

Isabel se apressou logo em responder:

- Não. Esse carro é nosso.

- Que bênção! Vocês estão mesmo prosperando. - disse Leonor.

- Pois é. Estamos levando uma vida boa. - disse Isabel.

- Isabel, você está parecendo uma manequim. Mas está linda demais. Cabelo liso, unhas feitas. E você está bem vestida. Vaidosa como sempre. - disse Leonor.

- Obrigada. – disse Isabel, toda inflada de orgulho, se sentindo uma vencedora na vida. Depois dos maus bocados que passara em 2009 e 2010, agora ela se sentia o exemplo de superação. Ela se sentia linda.

Leonor mostrou toda a casa para o pessoal. A nova casa dela era bem maior do que a outra. Mas era uma casa toda branca, sem cor, pintada de cal. Só a sala tinha as paredes coloridas.

Todos foram para os fundos da casa, e ao contrário da outra, aquela tinha quintal.

- Então você vai ficar aqui até quarta, Amália? – perguntou Leonor.

- Sim. – disse Maria Amália.

- A Isabel também? – perguntou Leonor.

- Não. – disse Isabel – Mas eu volto aqui na quarta para buscar a minha mãe, e também vejo a senhora

novamente. Quero passar mais tempo com a minha irmã e o meu sobrinho que vieram da África.

No quintal, Martin chamou Isabel em particular e afastados e lhe perguntou:

- Tia, pode me confessar. Isso de que você quer passar mais tempo com sua irmã e sobrinho, que você disse para sua avó, é porque na verdade você não quer mesmo ficar na casa dela, não é?

- Mas o que te levou a concluir isso? – perguntou Isabel.

- Eu te conheço. – disse Martin.

- Conhece nada. Só me viu por foto. – disse Isabel.

- Conheço sim. Mais do que você imagina. Te conheci pessoalmente ontem, mas é como se nos conhecêssemos desde sempre. – disse Martin.

- Vou confessar. Você tem razão. É isso mesmo. Não quero ficar na casa da minha avó, porque ela me

magoou muito e me deu desgosto há quatro anos, quando eu voltei de Portugal. Quando a gente voltar para Marília, eu te conto no caminho todos os detalhes. Mas sobre ver a irmã e o sobrinho, é verdade. Conhecer vocês é a minha prioridade. Minha avó eu sempre tive comigo, agora você não. Conheci você ontem. – disse Isabel.

Salvador, Luz e Martin foram à casa da avó Marline. Isabel iria lá na quarta-feira. Leonor começou os preparativos do almoço. Ela ficava toda nervosa quando ia cozinhar pros outros. Ela ficava afoita, apreensiva, neurótica, com medo do arroz não ser suficiente. Antigamente ela cozinava com amor e com prazer. Atualmente ela cozinava por obrigação.

- Isabel, essa sua outra irmã aí é toda riquinha. A Cassandra é mais simples. Essa já é mais rica. – disse Leonor.

- Imagina. Que rica que nada. Ela é simples. Ela é missionária lá na África, um lugar paupérrimo. Não

esquenta com isso não. Ela não tem dessas frescuras não. – disse Isabel.

Leonor, Maria Amália e Isabel trocavam as novidades.

- A senhora está indo em qual igreja? – perguntou Isabel para Leonor.

- Na Mundial. – respondeu Leonor.

- Crê em Deus Pai Todo Poderoso! Deus me livre! Essa igreja do apóstolo chapeuzudo é totalmente fora de bíblia. Aquilo ali é uma pura macumba. – disse Isabel.

- Isabel, você está parecendo o Ubirajara falando. – disse Leonor.

- Mas é verdade. Essa igreja não prega bíblia, essa igreja só extorque dinheiro dos fiéis. A senhora quer ser extorquida, é isso? – disse Isabel.

- Por que a senhora saiu da Betel, mãe? – perguntou Maria Amália.

- Porque eu cansei de ver o pastor enricando às custas dos crentes. A gente dizima, mas não vê para onde o dinheiro está indo. Então você percebe que o pastor todo ano troca de carro, compra chácara e tudo mais. – disse Leonor.

- E a senhora pensa que na Mundial vai ser diferente. Lá é pior. Procura uma igreja direita para ir. Bom, a senhora sabe o que faz da vida. – disse Isabel.

- Mudando de pau para cacete, a irmã Francisca está pagando com a língua. Porque antigamente a Betel era fechada e proibia vaidade. Então, a irmã Francisca implicava com a Isabel, só porque ela passava maquiagem. Gente, na época a Isabel tinha oito anos, usava aquelas maquiagens de criança e batom rosinha ou gloss, e nem assim eles perdoavam. Agora, a Angélica, neta dela, está rebelde que só. Namora um feioso tripa seca e foi vista em lugares que não é para crente estar lá. E naquela igreja, as crentes estão igual umas piriguetonas. – disse Leonor.

- Um absurdo. No meu tempo, eles não me davam oportunidade para cantar só por causa de um batom. Agora, não é liberdade, agora é libertinagem mesmo. Mas sabe, eu fico de boa. Eu sou serva de Deus com a minha maquiagem, com o meu batom, com o meu esmalte, com a minha calça comprida e com meu brinco. Eu sou uma filha de pastor exemplar. E a Angélica, desviou e apronta por aí. Quem é crente de verdade agora? Antes uma crente verdadeira e correta usando brinco e calça comprida do que uma safada usando cabelão batendo na bunda e saia no joelho. – disse Isabel.

- A Isabel sempre foi vaidosa. – disse Maria Amália.

- Estou vendo que ela pegou sotaque do Tocantins. – disse Leonor.

Pronto, agora Isabel ficou furibunda da vida. Ela odiava quando alguém paulista dizia que ela tinha sotaque tocantinense. Isabel falava como paulista! PAULISTA! Carregava nos erres!

- Não, vó, eu não peguei sotaque de lá. Não gosto. Eles falam feio. – disse Isabel.

E o assunto das igrejas continuou.

- Eu não estou membro de nenhuma igreja. Eu só vou na Mundial. Lá, qualquer um pode tomar ceia. Se no dia da ceia a pessoa fumou um cigarro, ela fala lá que fumou e o pastor diz: Toma a ceia e não fume mais. E por aí vai. – disse Leonor.

- Está tudo errado. Santa Ceia é um ato simbólico em memória da morte de Cristo que morreu para nos salvar. Agora eles pegam e deixam qualquer um com a vida bagunçada ir lá e tomar ceia. Ceia é para membros. Ceia é para quem está com a vida certa. Então agora a pessoa se envolve com bebedeira e prostituição, e depois vai lá tomar santa ceia. É o fim da paçoca mesmo! – disse Isabel, e deu uma aula de bíblia para sua avó.

- Amália, vocês estão em que igreja mesmo? – perguntou Leonor.

- Assembleia de Deus. – disse Maria Amália.

- Mudando de assunto, eu concluí o ensino médio. E agora eu vou para faculdade. Eu estava assim sondando na possibilidade de estudar aqui no estado de São Paulo. Em Marília tem a faculdade que eu quero fazer. – disse Isabel.

- Se você precisar, as portas da minha casa estarão abertas para você. – disse Leonor – Mas se você vir para cá, a sua mãe tem que vir junto. Nada de deixar sua mãe lá no Tocantins com saudade de você. Ela não aguenta ficar longe de você.

Então Isabel percebeu que Leonor estava com história. Ela queria dar um jeito de fazer Maria Amália vir morar em Tupã debaixo da saia dela, para ficar dominando e dando ordens. Ah, mas não mesmo. Isabel entendeu que aquela porta se fechou. Ela não queria ficar na casa da avó. Isabel já teve a experiência de morar com sua avó em 2004, aos oito anos de idade, para estudar. A avó era chata em muitas vezes, e Isabel tinha saudades

dos pais. Leonor era uma figura icônica como avó. Ora mimava demais, ora era uma chata de galocha. Vai saber.

Maria Amália foi pegar os pratos, copos e talheres no armário. Daí ela foi e achou um pão com bolor.

- Mãe, o que é esse pão embolorado aqui? Então você não tem cuidado pelos alimentos mais? – perguntou Maria Amália.

- Ah, é o pão orado lá que o pastor da igreja deu para a gente. – disse Leonor.

- Uma bela de uma macumba isso sim. – disse Isabel.

- Não é macumba. – disse Leonor.

- Jesus é tudo e suficiente. Não precisa desses artifícios. – disse Isabel.

- Mãe, joga isso imediatamente. Eu estou mandando. – disse Maria Amália.

- Ai, meu Deus. Me perdoa, Jesus. – disse Leonor, achando que estava cometendo uma atrocidade e sacrilégio ao jogar fora aquilo.

- Mãe, não faz isso! Joga logo isso fora! – disse Maria Amália.

Leonor jogou aquele pão na lixeira. Isabel não podia acreditar que sua avó estava alienada por aquela igreja esquisita que usa de macumba evangélica. Ela pensou: *“Se ela quer ser alienada, eu não estou nem aí. Nessa cumbuca eu não meto a minha mão”*.

- Ai, ai. Eu vou é para a sala. – disse Isabel.

Logo depois, Salvador, Luz e Martin chegaram. Isabel foi logo ter com eles. Enquanto o almoço não ficava pronto, os quatro ficavam conversando na sala.

- Pai, você acha que eu falo igual tocantinense? – perguntou Isabel, complexada.

- Não se preocupa com isso não. Nada a ver. – disse Salvador.

- Sua cara vai ser a mesma, independente do sotaque. – disse Martin, e começou a fazer demonstrações. Ele era muito engraçado. Imitou várias nacionalidades com seus sotaques ao falar inglês, para fazer Isabel rir.

- Isa, essas pessoas falam porque não sabem de nada? A sua avó já foi no Tocantins para saber se é assim que eles falam. Para mim você fala como paulista. – disse Luz.

O almoço ficou pronto. Todos foram à mesa para comer.

- Isabel, você já assistiu Perdidos Na Tribo? Passa lá no Youtube. – disse Luz.

- É muito fera. É assim, os caras da cidade vão para uma tribo isolada, e os caras da tribo vão para a cidade grande. – disse Martin.

- Que legal. – disse Isabel – Vou conferir.

- Ah, tem um episódio muito engraçado. Os caras lá da tribo foram para a Espanha. E estava muito frio. Uma espanhola pegou e disse: *“Frio que te cagas!”*. Daí a mulher que veio da tribo, só aprendeu isso de espanhol, e ficou repetindo: *“Frio que te cagas!”*. – disse Martin.

Todo mundo caiu na gargalhada, principalmente Isabel.

- Lá na Espanha, falar palavrão é tão normal quanto respirar. – disse Isabel.

Após montarem os pratos, todos oraram antes de comer, por iniciativa de Martin.

- Você leu os meus livros que eu te mandei por e-mail? – perguntou Isabel para Luz.

- Sim, eu li. Ao ler, parecia que eu estava lendo algo escrito por uma mulher de vinte e oito anos. Você escreve com muita maturidade. Gostei. – disse Luz.

- Obrigada. – disse Isabel – Eu quero publicar, mas a grana está curta. Meu professor de educação física disse que iria me ajudar a publicar, e tudo mais. Só que meu pai desconfiou. E eu também, lógico, ninguém ajuda ninguém de graça.

- O professor da Isabel era muito esquisito. O cara dava aula de educação física, mas era um gordão obeso. Não condiz. E com certeza ele ia aprontar com a Isabel, tirar vantagem dos livros dela ou querer algo em troca, como dinheiro ou segundas intenções. – disse Salvador.

- Um professor de educação física gordo? – duvidou Martin.

- Ele nem dava aula prática. A única coisa que ele fazia era passar seminário e prova. Nunca fomos para a quadra. Lá naquele fim de mundo onde eu moro, nada funciona. Por isso que eu sou ruim em desporto. – disse Isabel.

Depois do almoço, Isabel voltou para Marília com Salvador, Luz e Martin. Ela se despediu da mãe e da avó e entrou no carro. Antes de ir embora, Leonor deu cento e cinquenta reais para Isabel, como presente de natal.

- Te amo. Mas te amo sinceramente, e não só porque você me deu dinheiro. - disse Isabel.

- Também te amo, Isabel. - disse Leonor - E você, Martin. Adorei te conhecer. Você é um menino muito educado, bonito e simpático.

- Obrigada. Foi um prazer conhecer a senhora. - disse Martin.

Salvador, Luz, Isabel e Martin voltaram para Marília.

- Tia, a comida da sua avó é muito gostosa. - disse Martin.

- Concordo plenamente. - disse Isabel.

E a viagem continuou.

- Eu sondei lá a minha avó, mas não senti paz de espírito. Eu falei na possibilidade de estudar em Marília. Ela ofereceu a casa dela para mim, mas disse que a minha mãe tinha porque tinha de vir junto. - disse Isabel.

- Desiste, não é de Deus. Sua avó é complicada. - disse Salvador.

- Vamos então sondar a Cassandra. - disse Luz.

- Tomara que dê certo. - disse Isabel - Mudando de pau pra cacete, a minha avó está frequentando aquela igreja esquisita do apóstolo chapeuzudo. Ela é consagrada a diaconisa, mas atualmente ela não está membro de nenhuma igreja, ela só vai lá. E nessa igreja qualquer um com a vida bagunçada e toma ceia. E ela traz de lá aquelas coisas benzidas. Acredita que ela estava com um pão benzido desses, e o pão estava embolorado já, e ela ficou com dó de jogar fora e ficou ainda pedindo perdão para Deus como se estivesse pecando ao se desfazer do pão. Minha avó está alienada. Mas cada um sabe a toca em que está se enfiando. Só sei que eu dei uma boa aula de bíblia

## Diário de Bordo

para ela. Se ela aprendeu alguma coisa ou não, já não é mais problema meu.

Martin foi dormindo no caminho a viagem toda. Até chegar em Marília.

### Primeiro dia: Uma tarde em Marília

- Martin, você precisa fazer as lições do Bourofaye Christian School. - disse Luz.

Martin foi pegar seus cadernos e livros de estudo para fazer as tarefas da escola, e depois mandar por correspondência. O BCS era o colégio que ele estudava em Dakar. Era um colégio interno para filhos de missionários. Enquanto ele ficava lá, Luz e Pedro faziam missões no interior do Senegal, e todo final de semana eles se encontravam.

- A Isabel pode te ajudar nas lições de matemática. - disse Luz.

- Difícil coisa pediste. Matemática não é o meu forte. Agora se ele precisar de ajuda em Geografia, História, Ciências, estamos aí. Se você tivesse a disciplina

de Português na escola, eu ia te dar excelentes aulas. – disse Isabel.

Luz e Isabel ficaram pintando as unhas. Martin estava compenetrado na lição. Tudo estava em inglês. Mais tarde, Salvador, Luz e Isabel foram para o centro da cidade, para Luz comprar as passagens de Clara para África.

Clara iria passar um ano no Senegal com a Luz. Para se ter uma nova experiência. O divórcio dos seus pais deixou Clara confusa e com crise de identidade. Ela largou a faculdade, se desviou da igreja e passou a se vestir daquela maneira meio otome misturado com punk. Mas por dentro, ela continuava a mesma menina meiga de sempre. Então a ida dela para a África. Lá, ela iria se encontrar na vida e despertar a menina doce e meiga que estava dentro dela, para que isso se refletisse exteriormente, em seu visual.

Naquela tarde, Luz, Isabel e Salvador foram à agência de viagens. Acertaram tudo. Clara ia junto com

Luz, no mesmo voo. Tudo resolvido, eles foram para o shopping para comer alguma coisa, pois Isabel estava com fome. Enquanto o pedido deles não ficava pronto, eles ficaram tirando fotos no shopping.

Eles compraram uma porção de seis pasteizinhos e refrigerante. Então eles foram andando para sair do shopping.

- Eu te desafio a colocar a língua bem no orifício do copo onde fica o canudo e beber o refrigerante assim. - disse Luz para Isabel.

- Nem a pau, Juvenal. E a minha elegância? - disse Isabel, rindo.

- Coloca logo a língua senão eu vou gritar. - disse Luz, rindo.

- Pode gritar. - disse Isabel, rindo.

- Ei, pai, não sei se você observou, mas a Isabel nasceu para ser rica. Toda elegante, não quer perder a pose. – disse Luz.

- É bem por aí mesmo. – disse Salvador.

- Obrigada pela parte que me toca. – disse Isabel.

Divididos os pastéis, cada um ficaria com dois. E foram comendo no carro.

- Não vai sobrar nenhum para o Martin. – disse Salvador.

- Hei, Isabel, você vai ter que comer um só. – disse Luz, brincando.

- Ai, ai. – disse Isabel, rindo – Eu estou brocada, vou comer tudo. Isso aqui é tudo de bom. Pastel de frango com catupiry, acompanhado de um refrigerante bem geladinho. Você é mãe dele, então guarde um dos seus para ele.

- Ah, quando o Martin souber que a tia dele comeu pastel e não deu para ele... - disse Luz, rindo.

- Se eu der para ele, eu vou ter que dar para a Felícia, senão ela fica aguada. Então esse vai ser nosso segredo. Depois a gente leva o Martin para comer pastel aqui de novo. Aí ele pode se refestelar. - disse Isabel.

Primeiro dia: Indo à noite para a casa da Cassandra

Naquela noite, Salvador, Luz, Isabel, Martin e Pedro iriam para a casa da Cassandra. Eles iriam dormir lá. Só que Martin e Pedro saíram e até agora não voltaram. Então o jeito era esperar.

Isabel já estava arrumada para sair. Só que daí o Salvador foi lá fiscalizar a maquiagem dela.

- Esse lápis de olho está muito carregado. - disse Salvador.

- Vai ficar me fiscalizando agora? - perguntou Isabel, muito educada.

- Vou. Vou fiscalizar sim. – disse Salvador, autoritário.

- Foi mal. Eu vou consertar isso. – disse Isabel.

Isabel refez a maquiagem. Ficou bem melhor. Mas ela ficou triste pela bronca que o pai lhe deu.

- Não fica triste não, cria. Papai te ama muito. Eu falo isso não é por questão de religião ou que eu proíba. Você pode se maquiar, mas eu estou te alertando porque maquiagem em excesso fica feio. – disse Salvador.

- Eu sei. Mas não pense você que eu acho bonito andar por aí com maquiagem extravagante, ou que eu gosto de me maquiar igual uma piriguetona. Mas acontece que sem querer eu erro o cálculo, e me esqueço de apontar o lápis de olho. Eu só não quero que você fique me julgando, pensando que eu gosto de exagero. – disse Isabel.

- Tudo bem, eu te entendo. – disse Salvador.

Cassandra ligou lá para a casa. Luz atendeu, falando que eles iriam lá assim que Martin e Pedro chegassem. Luz falou também sobre Isabel, que ela queria cursar estética em Marília, e tudo mais. Enquanto Luz conversava, Isabel ficava na expectativa. Mas não se teve nenhuma novidade.

Logo depois, Rafael chegou do trabalho e cumprimentou Salvador e Isabel. Ele era um paulista de Sorocaba, mas como viveu muito tempo em Portugal, acabou ficando com sotaque português.

- Vocês ficaram quanto tempo em Portugal? - perguntou Rafael.

- Um ano e meio. - respondeu Salvador.

- Esse tempo todo naquele apartamento no Bairro Alto? - perguntou Rafael.

- Não, a gente mudou de lá. Dividir o apartamento com outra pessoa não dá certo. - disse Isabel.

- Rapaz, aquela Fátima dá nó em pingo d'água. Nem te conto. Ela dizia que era crente, mas gostava de altas farras e altas cervejas. Trazia namorado para beber com ela, enfim. O pior que ela aprontou foi quando ela disse que tinha uma internet com preço fixo, e deixou a gente usar à vontade, já que ela não parava em casa mesmo. Então nós aproveitamos. Ela pediu para a gente baixar um monte de música evangélica para ela, tudo mais. Eu usei, a Amália usou, a Isabel usou para jogar joguinhos na internet. Todo mundo aproveitou. Só que aí, um dia quando a gente voltou da praia, ela nos deu uma notícia de que a internet veio com uma fatura de trezentos euros. Detalhe: ela disse que era um preço fixo e era barato. Mas não era não. A Fátima quis por que quis que a gente pagasse, para não sujar o nome dela em Portugal. Mas tanto eu quanto a Maria Amália estávamos ainda procurando emprego, a gente estava apertado financeiramente. E ainda tinha o aluguel para pagar. Mas aí a gente fez um acordo, e ela disse para a gente esquecer o aluguel daquele mês e pagar só a internet. E fizemos

isso. Mas alguns dias depois ela volta a encher o saco para a gente pagar aquele aluguel. Enfim, ela deu trabalho. – disse Salvador.

- Até a TV a cabo era cobrada da gente. Tipo, a TV a cabo tem um preço fixo, não vai aumentar só porque tem mais gente assistindo. Ela queria cobrar da gente a TV a cabo também, dá para acreditar? Uma baita duma sacanagem, meu. – disse Isabel.

- Pois é, eu não imaginava que ela era complicada desse jeito. Eu a conheci quando eu fui visitar a Sara Nossa Terra, e eu estava a procura de alguém que alugasse um apartamento para vocês que estavam chegando em Portugal, daí essa Fátima se apresentou. Parecia gente boa, era brasileira, evangélica. Deu para perceber que vocês passaram maus bocados dividindo apartamento com ela. – disse Rafael.

E começou a chover impetuosamente em Marília. Rafael ficou no alpendre ensaiando violão para tocar na igreja. Enquanto isso, Luz, Isabel e Salvador estavam

sentados no sofá de canto da sala de estar. Luz presenteou Salvador com um painel solar recarregável que servia como lanterna e carregador de celular. Invenção de coreano.

- Obrigada, minha filha. Eu gosto dessas coisas. - disse Salvador.

Eles estavam esperando Martin e Pedro chegarem da rua, mas estava demorando demais.

Luz tinha um smartphone de última geração. E ele funcionava por comando de voz, era muito tecnológico. A câmera dele tinha detector de sorriso. Luz e Isabel ficaram se fotografando.

- Esse celular é muito fera. Da hora. - disse Isabel.

- Presente dos coreanos. - disse Luz.

Os coreanos ajudavam muito Luz e Pedro lá no Senegal. Outro presente dos coreanos, foi as alianças de Luz e Pedro. Alianças grossas de ouro puro.

- Luz, você postou uma foto no Facebook quando estava no aeroporto saindo de Senegal. A foto mostrava um gato rajado andando dentro do aeroporto, com a seguinte legenda: *Inside cat. Gato de casa. Será que ele pagou passagem?* Eu achei muito interessante aquilo ali. – disse Isabel.

- Pois é. Aquilo ali era ridículo. A gente estava já na sala de embarque, área restrita, e aparece aquele gato não sei de onde andando por ali. E ficamos nos perguntando como ele entrou na área restrita. Depois que eu postei a foto, muita gente perguntou se aquele era o nosso gato. Porque o nosso gato é daquela cor, é igual àquele que estava no aeroporto. Ficou algo bem curioso. – disse Luz.

- Mistérios da meia-noite. – disse Isabel.

Finalmente Martin e Pedro chegaram.

- Ai, mas que demora. Eu já estava ficando preocupada. – disse Luz.

- Podemos ir agora. – disse Pedro.

Era umas nove e meia da noite. Todos pegaram as malinhas de roupa e colocaram nos carros.

- Eu vou no carro do vô. – disse Martin.

Luz e Pedro foram com o Uno. Martin, Salvador e Isabel foram com o Fiat Pálio vermelho de Salvador. E a viagem continuou. Martin, Salvador e Isabel conversavam muito. Principalmente Martin e Isabel. Tia e sobrinho se deram muito bem.

- Pela minha intuição, a gente vai parar na lanchonete para comer o Cheese Bacon Frango. Ouvi meu pai dizer alguma coisa assim. – disse Martin.

- Só esse nome já me deu uma certa água na boca. Deu uma fome agora. – disse Isabel.

- Em mim também. Esse sanduíche é tudo de bom. – disse Martin.

E assim foi. Luz, Pedro, Martin, Salvador e Isabel pararam em um pit-dog para comer um lanche. Fizeram

os pedidos e agora era só esperar. Martin e Isabel pediram o X-bacon-frango. Os demais pediram outros tipos de sanduíches.

Ah, mas demorou. Os sanduíches demoraram em chegar até a mesa deles. Enquanto esperavam, eles conversavam e tiravam muitas fotos. Eles ficaram mais de uma hora esperando esses benditos lanches chegarem.

- Sinceramente, porque cargas d'água brasileiro tem mania de abreviar "cheese" escrevendo X? Tipo Cheeseburger se torna X-Burguer? Deviam escrever como se escreve em inglês. – disse Isabel.

- É porque a maioria das pessoas não sabe. E acabou ficando X mesmo por causa da pronúncia. – disse Salvador.

Martin não estava entendendo o que se era dito sobre o assunto do X. Isabel foi explicar para ele.

- Martin, *“xis” is the “ecs” letter in portuguese. So, the “xis” letter has the same pronunciation than cheese. Do you understand?* – disse Isabel.

- *Yes, I get.* – disse Martin.

- Gente, eu consegui falar inglês! – disse Isabel – Se bem que isso não é nada. Só sei o básico do básico. Na hora do vamos ver, na hora da conversação, não sai nada.

Anos depois, o lanche que eles pediram chegou. Estavam todos numa fome preta, e começaram a devorar.

- Muito bom. Gostei. Martin, você tinha razão em relação ao Cheese Bacon Frango. – disse Isabel.

- Eu conheço as coisas boas da vida. – disse Martin.

- Então, cunhada. Vai fazer faculdade do quê? – perguntou Pedro.

- Quero Estética mais uma segunda faculdade, que ainda estou por decidir. – disse Isabel.

- Ué, mas você não vai ser escritora? – disse Pedro.

- Eu tenho o sonho de publicar meus livros e ser reconhecida por eles, mas eu preciso de segurança. Como eu me interessei pela área da Estética, eu vou seguir esse ramo. Mas paralelamente lógico que eu vou ser escritora. – disse Isabel.

- Achei engraçada a história do Florêncio boiadeiro lá. Tirando ele, você mudou tudo. – disse Luz.

- Achei muito interessante. O pai só citou esse caso, e eu quis saber mais, e acabou rendendo um livro. – disse Isabel.

Eles estavam falando de um camarada metido a boiadeiro de Tupã, dos tempos em que Luz e Cassandra eram mocinhas e moravam todos em Santa Adélia, nos anos 90. Esse tal de Florêncio batia na mulher dele. Quando Salvador citou esse caso curioso, Isabel, com quatorze anos de idade, teve inspiração para escrever um livro a partir dessa história.

- Ah, uma curiosidade sobre o Florêncio. Ele costumava fazer necessidades no mato, porque não suportava a ideia da água do vaso batendo na bunda dele.  
- disse Luz.

Isabel caiu na gargalhada.

- Me deixa ver se eu entendi. O cara cagava no mato. Fala sério! - disse Isabel.

Todos riram.

- O nome da esposa dele era Cecília, não é? - perguntou Isabel.

- Ah sim. - disse Luz - Ela apanhava do Florêncio, e a gente a convenceu a fugir de lá. O plano era esse. Cada dia ela levava um pouquinho de roupa dela para a nossa casa, e ela foi fazendo a mala na nossa casa, para o marido não descobrir.

- Eu mudei a história toda. Na minha versão, ela se chama Nicolle, ela era modelo e estilista, só que o marido

não a deixava trabalhar. De tanto apanhar do Florêncio ela o enfrenta e lhe dá um pé no traseiro. Depois o Florêncio morre em um acidente automobilístico fugindo da polícia. Então a Nicolle conhece um jogador de futebol, e aí um olheiro o achou e fez uma proposta para ele jogar no Real Madrid. Daí a Nicolle vai com ele, e lá ela fica famosa como modelo e estilista. E os dois ficam ricos, famosos e vivem felizes para sempre. – disse Isabel.

- Muito interessante. – disse Pedro – Mudou totalmente a história. Mas que imaginação.

Os sanduíches eram enormes. Isabel, Martin e Luz não conseguiram comer tudo e largaram metade. Estava sim uma delícia, mas era grande demais para eles. Ainda mais para Isabel, que comia feito passarinho. Após a refeição, todos entraram nos carros e seguiram para a casa da Cassandra.

No caminho, Martin contava histórias muito engraçadas para Isabel e Salvador.

- Teve um dia em que a gente havia comido num restaurante lá no Senegal. Aí o pai ficou com diarreia. E foi no banheiro, mas não tinha papel higiênico. Aí ele teve a brilhante ideia de limpar com a mão e depois lavar a mão na pia do banheiro. Depois que ele já tinha melado a mão, ele abriu a torneira, mas surgiu uma pequena treta: não saía água. Então ele foi obrigado a sair por aí com a mão toda melada de bosta. – disse Martin, rindo.

Salvador e Isabel caíram na gaitada.

- Ele bem que podia limpar a mão melecada passando na parede. – disse Isabel, rindo.

Martin teve um ataque de riso.

- Ia ficar igual o Virgulino. – disse Salvador, rindo.

E assim foi até chegar à casa da Cassandra. Chegando lá, eles desceram do carro e entraram. Cassandra dividia o quintal com sua mãe, cujo nome era Ivani. Ela era ex-mulher de Salvador. Ivani morava na frente e Cassandra morava atrás, no mesmo terreno.

- Entrem todos. - disse Cassandra.

Salvador, Isabel e Martin entraram na casa de Cassandra. Pedro e Luz entraram na casa de Ivani.

Na sala de estar, Duarte estava jogando videogame do Naruto. Era um jogo de luta. Detalhe, já era quase pra lá da meia noite e o garoto estava lá jogando.

- Cadê sua mãe? - perguntou Salvador.

- Está fazendo o Jesus dormir. - respondeu Duarte, vidrado no jogo.

- Oi Duarte. - disse Martin. Mas Duarte não lhe respondeu. Ele não estava nem um pouco a fim de papo, só queria saber de jogar o jogo.

- Esse é o jogo do Naruto? Que legal. - disse Martin. Porém não obteve resposta.

Clara apareceu na sala e cumprimentou a todos. Depois, sentou-se na escada e começou a assistir um anime no notebook rosa pink dela. Mas mesmo assistindo,

ela dava atenção para as visitas e respondia o que todos perguntavam.

- Posso jogar com você? – pediu Martin.

- Não. – respondeu Duarte, mal educado, grosseiro e ríspido.

Logo depois, Cassandra apareceu na sala.

- Oi pai, oi Isa. – disse Cassandra.

- Oi maninha. – disse Isabel.

Enquanto isso, Martin continuava tentando puxar conversa com seu primo. Mas Duarte era fora de série mesmo, lhe respondia com muita má educação.

- Aquele ali é o pai do Naruto? – perguntou Martin.

- Não te interessa. – disse Duarte.

Isabel só observava tudo aquilo. E pensou: “E Naruto lá tem pai? Ah, lógico que sim. Ele não é filho de chocadeira. Hihhi”. Tanto ela quanto Salvador notaram a

falta de educação de Duarte. Ele estava estúpido mesmo.

- Martin, aquele é o pai do Naruto, que chegou na vila e tudo mais. - disse Clara.

- Quando você terminar, eu posso jogar com a tia Isabel? - perguntou Martin.

- Mas eu não entendo nada de Naruto. - disse Isabel.

- Eu também não entendo nada. Mas esse jogo é fácil. - disse Clara.

- Eu te ensino, tia. - disse Martin.

- Nem perde seu tempo, Martin. A Isa não vai conseguir aprender. - disse Duarte.

Martin pegou um dos controles do Xbox que não estava sendo utilizado, e demonstrou como se joga.

- Para lutar, você aperta nesse. Para acionar o superpoder, você aperta esse botão. E para correr, é esse. - disse Martin.

Isabel nem se interessou tanto no momento e não entendeu muito a explicação.

- Entendi tudinho. – disse Isabel, irônica.

- Traduzindo. Não entendeu nada. – disse Duarte.

Digamos que Duarte tentou atingir Isabel com sua má educação. Mas Isabel não aceitou a provocação. E sentiu-se superior por isso. Isabel era uma menina bem esquentada, nervosinha, pavio curto e não tolerava certas faltas de educação de certas pessoas. Mas dessa vez foi diferente. Isabel ignorou o que Duarte dissera, pois nada iria estragar sua viagem. Ela já ficaria pouco tempo lá, então ela decidiu aproveitar intensamente e ao máximo aquela viagem, sem esquentar a cabeça com aborrecimento e má educação de uns e outros.

Todos ali perceberam que Duarte era um viciado sem domínio próprio, que ficava horas e horas diante de sua Xbox.

- Duarte, não é muito saudável ficar horas e horas no videogame. Tem que ter a hora certa. – disse Martin, numa boa, e muito educado. Mas Duarte lhe veio com patada.

- Não pedi sua opinião, moleque. Mas que garoto chato, meu. – disse Duarte.

- Duarte, por favor. Seja educado com o Martin. Ele não falou isso por mal. – disse Clara.

Isabel sentia vontade de levantar em prol do fraco e oprimido em questão, que era Martin, e falar umas para o Duarte. Só que não. Isabel não queria aborrecimento. E além do mais, como é que ela ia dar bronca num sobrinho dela que nem sequer a chamava de tia? E ainda por cima ela era adolescente, como ele. Isabel só era um ano mais velha que Duarte, mas isso não era mais velha o suficiente para ser respeitada como uma tia. Isabel se sentia totalmente sem autoridade, então deixou aquilo quieto. Se nem a própria Cassandra falava nada, então Isabel não iria se meter no meio. O único sobrinho que a chamava de tia

era Martin. Isabel adorava. Finalmente alguém lhe reconheceu como tia! Mas quanto aos outros, ela nem se importava muito. Podia chamar pelo nome mesmo que estava bom.

Finalmente chegou a hora de dormir. Duarte iria dormir na sala. Salvador iria dormir no quarto do Duarte. E Isabel iria dormir com Clara no quarto dela, subindo às escadas. Luz, Pedro e Martin iriam dormir na casa de Ivani. Duarte ainda ficou enrolando para dormir, por causa do videogame. E Clara ficou até tarde vendo anime no computador.

Segundo dia: Um dia chuvoso em Marília

Amanheceu. Isabel acordou antes de Clara e desceu para tomar banho. Ela desceu as escadas. Duarte estava deitado no sofá da sala. Isabel pensou que ele estivesse dormindo, por isso desceu as escadas sem fazer barulho.

- Bom dia, Isa. – disse Duarte. Ele já estava bem acordado.

- Bom dia. – respondeu Isabel, surpresa. Ela passou pela cozinha. Lá estavam Salvador, Cassandra, Emílio e Martin. Ela deu bom dia a todos e entrou no banheiro para tomar banho, escovar os dentes e se vestir. Isabel não pode deixar de ouvir a conversa na cozinha sobre amamentação. Cassandra não amamentava Jesus, porque achava que não podia produzir mais leite. Então, o nenê tomava um leite especial, que custava cento e pouco a lata.

Mas como Emílio trabalhava na Nestlé, ele ganhava de graça. Ganhava caixas e caixas daquelas latas de leite.

- Mas toda mulher pode amamentar. Eu fiz um curso sobre aleitamento materno, no hospital lá em Palmas. Lá eles estavam explicando que em algumas tribos indígenas, a mãe vai trabalhar, e quem amamenta o nenê é a avó. Também mocinhas que nunca tiveram filho podem produzir leite. – disse Salvador.

- Interessante. – disse Martin.

Isabel, saindo do banheiro, passou por lá e acrescentou:

- Até homem produz leite. As glândulas mamárias são as mesmas tanto em homem quanto em mulher. – disse Isabel. E se juntou para tomar café-da-manhã.

Naquela manhã, a novela do viciado continuou. Duarte continuava naquele videogame. Martin queria jogar, e ficava puxando conversa. Mas Duarte nem dava moral.

Salvador, Isabel, Luz e Pedro foram para ao Aquarius Shopping, porque Salvador queria comprar um multiprocessador. E Isabel queria comprar um vestido e um calçado. Era seu presente de natal.

Era fantástico andar por Marília. Isabel estava encantada ao voltar a rever aquela cidade linda. Marília era uma cidade agradável, organizada e tinha cheiro de doce.

- O Martin não quis vim com a gente? - disse Salvador.

- Não, ele ficou por lá mesmo. - disse Luz.

- Andei observando que o Martin estava agitado para jogar um pouco do videogame. - disse Isabel.

- Percebi também. O Duarte nem para deixá-lo jogar um pouco. - disse Pedro.

- O Duarte está muito mal educado. Se fosse meu filho, eu dava nele de cinturão de couro na bunda. Onde já

se viu. Estúpido, mal educado. O Martin falando com ele na maior educação, e ele dando patada. E ele está fissurado naquele videogame. Mas se nem a mãe cuida disso, eu não posso fazer nada. – disse Salvador.

- O Martin joga vídeo game dia sim, dia não. E só durante duas horas. Senão vicia. – disse Luz.

- Está certo. Se deixar rolando solto, vira bagunça e vira vício. – disse Isabel.

Salvador até encontrou o multiprocessador, mas a voltagem de São Paulo é diferente da voltagem do Tocantins. E ele achou melhor comprar lá no Tocantins mesmo. Isabel pensou: *“Isso é que dá morar nesse Tocantins velho. É tão remoto, mas tão isolado, que até a voltagem é diferente. Que vergonha.”*

Isabel entrou na loja e comprou um lindo vestido verde oliva com estampa floral e um sapato de salto alto com estampa de onça. Compras concluídas, todos voltaram para a casa da Cassandra.

Duarte estava dormindo no quarto de Clara. Ele ficou lá dormindo a manhã inteira até à tarde. Isso porque passou a madrugada jogando videogame.

Visto que Duarte estava dormindo, Martin fez a festa.

- Tia Cassandra, eu posso jogar videogame? - perguntou Martin.

- Claro que pode. - disse Cassandra.

Martin convidou Isabel para jogar com ele.

- Tia, quer jogar comigo? - disse ele.

- Se você me ensinar. - disse Isabel.

Martin ensinou todos os comandos do jogo para Isabel, que aprendeu tudo. Ela, em seu pensamento disse: *“Chupa, Duarte. Você disse que eu não ia conseguir entender, mas eu entendi. Ah, moleque. Hehehe.”*. Então Martin e Isabel foram jogar aquele jogo de luta do Naruto. Para quem não

gostava de Naruto, Isabel estava se saindo bem naquele jogo. Tia e sobrinho de divertiram muito naquela manhã.

Enquanto isso, Cassandra estava com seu notebook fazendo palhaçadas no Photoshop. Ela pegou uma foto em que Salvador estava com Jesus no colo. Então ela clonou a barba do Salvador e colocou no Jesus. Vô e neto igualzinho. Ela só não clonou os óculos porque os óculos de Salvador ficavam grandes demais no Jesus. Arte pronta, ela mostrou para Isabel.

- Isabel, vem ver só uma coisa. - disse Cassandra, mostrando a foto.

- Epa, mas que presepada é essa? - disse Isabel rindo às gargalhadas.

- Tal avô, tal neto. - disse Cassandra. E aproveitou o embalo para também colocar umas costeletas no Jesus.

- Hei, o pai não tem costeleta. - disse Isabel.

- Mas o Jesus tem. – respondeu Cassandra. E as duas riram.

Almoçaram todos na casa de Ivani, com exceção de Duarte, que continuava roncando no oitavo sono lá em cima. Sentaram-se todos à mesa para comer o macarrão com frango. E surgiu o assunto das comidas de avião.

- Comida de avião é bem pouquinho. Eles gostam de economizar. – disse Pedro.

- Eles falam que tem que ser pouca comida mesmo, que é para não passar mal. Mas será que realmente é para os passageiros não passarem mal, ou para o bolso das companhias aéreas não passar mal? – disse Ivani.

- Eu acho ainda que é muito o que eles colocam lá. Eu viajei na TAP, e eles serviram um prato quadrado cheio de bacalhau. Eu só consegui comer metade, porque achei que era muito ainda. – disse Isabel.

- Isso é no avião de pobre. A minha experiência foi na Air France. – disse Ivani.

Isabel riu. Mas por dentro disse: *“Avião de pobre. E ela se acha porque voou de Air France. Para o governo dela, a TAP é uma empresa aérea muito boa. A Ivani não quer perder a pose nunca”*.

Depois do almoço, Isabel foi acessar a internet. Conversou com uma amiga no Facebook, dando conselhos amorosos para ela. Isabel era uma excelente conselheira amorosa e terapeuta de casais. E também simultaneamente Isabel viu lições online grátis de francês, para ver se aprendia alguma coisa. Mas só isso não bastava para aprender francês. Ela tinha que ter alguém ensinando. Isabel precisava trabalhar sua conversação. Mas ela iria embora naquela semana, nem dava tempo de pegar umas aulinhas com o Martin.

Enquanto isso, Isabel ouviu Ivani conversando com Cassandra.

- Eu vi o Duarte jogando videogame às quatro da manhã. - disse Ivani.

Isabel pensou: *“Ô louco, meu. Esse guri tá é viciado. Acho é palhaçada um negócio desses. Onde está a autoridade de mãe da Cassandra numa hora dessas?”*.

Luz, Martin e Pedro foram ao dentista. Isabel ficou assistindo televisão, e Clara ficou vendo anime. Só lá para umas três da tarde, Duarte acordou de sua hibernação.

Segundo dia: Passeio no shopping.

À noite, eles iriam passear no shopping. Todo mundo se arrumando. Isabel se produziu toda, e foi só elogios. Jeans lavagem escura, blusinha roxa com blazer de estampa floral, sandália dourada de tiras e salto alto, bolsinha dourada (que acompanhou Isabel durante sua estadia em São Paulo) e brincos de capim dourado do Tocantins.

- Que jeans legal. - disse Luz.

- Obrigada. - disse Isabel.

Isabel subiu para o quarto de Clara para guardar as maquiagens.

- Isa, mas como você está linda. - disse Clara.

- Obrigada. - disse Isabel.

- Eu ainda tenho que me maquiar, e demora um bocado. – disse Clara.

- Você faz umas maquiagens legais. Você fez cursinho? – perguntou Isabel.

- Fiz nada. Aprendi com os tutoriais da internet. Naqueles dias em que eu não tenho nada para fazer, eu vou ver esses tutoriais e treinar em mim. – disse Clara.

- Minha maquiagem só não é mais caprichada porque eu não tenho todos os recursos. Não tenho base, delineador, rímel. E meu estojo de maquiagem é pequeno de tudo, tem pouca coisa. Mas assim que eu tiver recurso, eu vou aprender. – disse Isabel.

- Se você quiser, eu te empresto rímel, base e tudo mais. Nessa gaveta aqui tem tudo o que você precisa. Eu vou tomar banho, você fique à vontade. – disse Clara.

- Obrigada. – disse Isabel.

Antes de saírem, eles jantaram na casa de Ivani. Clara foi a última a chegar, juntamente com Cassandra.

- Princesa chegando. – anunciou Cassandra.

Clara parecia uma personagem de anime. Maquiagem bem feita, vestido preto com espartilho, meia-calça branca e botas. E os piercing e alargadores na orelha. Após o jantar, eles ficaram esperando quem ainda não estava pronto.

Na sala de estar estavam Clara, Isabel e Salvador.

- A comida da vó me fez mal. A mãe ainda não me deu remédio. – disse Clara.

- O que você está sentindo? – perguntou Salvador.

- Estou enjoada e com vontade de vomitar. – disse Clara.

Isabel ficou preocupada com a sobrinha. E também ficou com medo de passar mal também. Mas Isabel não

passou mal, nada lhe aconteceu. Clara estava colando suas unhas postiças.

Primeiro foram Salvador, Isabel, Clara e Pedro no Uno cinza de Pedro. Depois Cassandra, Emílio, Jesus e Duarte iriam os encontrar no shopping.

No caminho, Isabel e Clara conversavam.

- Da hora essas suas unhas postiças. - disse Isabel.

- São bem mais práticas. É só colar e pronto. - disse Clara.

- Só que não devem ser nada práticas para se usar em casa. Tipo, usa-se só para sair. - disse Isabel.

- Ah, sim. Imagine só eu lavando louça com essa unha. - disse Clara.

- Eu prefiro pintar mesmo as minhas unhas. Sou viciada em esmaltes. Eu gosto de pintar, sentir o pincel sendo passado nas minhas unhas, e ver as minhas unhas bem feitas. - disse Isabel.

- Eu também era assim. Mas decidi tomar vergonha na cara e parar de gastar dinheiro com esmalte. Quando eu era mais nova, eu comprava muito esmalte. Eu tinha de todas as cores que se podia imaginar. Eu comecei a pintar as unhas ainda criança. Criança que eu falo é com uns oito, nove anos. Eu pegava os esmaltes da minha vó. Aí quando eu cresci mais, eu adquiri aquela coleção de esmaltes neon da Impala. Mas atualmente eu perdi o interesse. Quando eu pinto as minhas unhas, é de preto ou vermelho. - disse Clara.

- Eu tenho de tudo na minha caixinha de esmaltes, menos preto. Eu queria, mas quem disse que o papai deixa. Ah, mas espera só eu fazer dezoito. - disse Isabel.

Salvador entrou no meio da conversa. E disse:

- A questão não é que eu não deixe. E nem questão de ser ou não maior de idade. É que eu como pastor, as pessoas ficam de olho. E alguém mais conservador fica falando besteira, e a gente é obrigado a ouvir.

- Eu entendo, paizinho. Mas quando eu não tiver que dar satisfações a metidos a puritanos, aí eu vou usar o que eu quiser. – disse Isabel.

E assim foi. Chegando lá, Salvador e Pedro ficaram procurando algum lugar no shopping que fizesse recarga de saldo. Isabel e Clara ficaram andando pelo shopping. Elas entraram em umas lojinhas legais para ver coisas e depois ficaram andando por aí.

- Que japa fofo. – disse Clara, referindo se a um japonês que passava.

Clara e Isabel entraram no banheiro para arrumar o cabelo e se olharem no espelho.

- Você tem preferência pelos japoneses? – perguntou Isabel.

- Tenho. Acho bonitos. – disse Clara.

- Não tenho tanta preferência de tipos, mas confesso que nunca me imaginei namorando um japa. Eu

gosto mais dos moreninhos, tipo Cristiano Ronaldo. – disse Isabel.

- Não é possível, minhas unhas postizas caíram todas. Você poderia guardar para mim na sua bolsa, por favor? – disse Clara.

- Sim. Lá em casa eu te devolvo. – disse Isabel.

Elas continuaram o passeio no shopping.

- Meu pai também é desse jeito. Sempre fiscalizou a minha maquiagem. Ele não gostava muito da ideia de ver eu me pintando. Não que ele proibisse, mas ele não queria que eu passasse nada escuro. Mas então eu conversei com ele e disse que ele gostando ou não, eu iria usar aquilo e pronto. – disse Clara.

- Todo pai é assim. Para eles, sempre seremos as menininhas do papai. É superproteção. – disse Isabel.

Então chegaram ao shopping: Cassandra, Emílio, Duarte, Martin e o bebê Jesus. Luz ficou com Ivani,

porque Ivani ficou enchendo o saco que ninguém leva ela para passear, e que ela só fica cozinhando e tudo mais.

- A Luz não veio com vocês? – perguntou Salvador.

- Não, ela resolveu ficar fazendo companhia para a mãe. – disse Cassandra.

Aquela turma toda ficou tirando fotos no shopping. Cassandra tinha uma câmera profissional das boas. Era época de natal, e em todo shopping que se preze, tem o seu papai Noel. E todo mundo foi tirar foto com ele. Primeiro foram Clara, Isabel e Martin. Depois, o resto da turma. Saíram ótimas fotos. Um bando de marmanjo com barba na cara tirando foto com papai Noel, chega ficou engraçado. As únicas crianças ali eram o bebê Jesus, e Martin. Onze anos é criança ainda. Após eles posarem com o papai Noel, chegou perto do mesmo uma menininha de uns três ou quatro anos de idade, juntamente com sua mãe. Isabel só observava aquilo. E comentou com Martin.

- Hei Martin, aquela menininha com certeza pensa que papai Noel existe, e que aquele ali é o papai Noel mesmo. - disse Isabel.

- Então vai lá perto e grita: É falso! É falso! Esse papai Noel é falso! - disse Martin.

Isabel não conteve as gargalhadas. Ela e Martin tiveram um ataque de riso.

- Daí eu destruiria a infância da menininha. Sem contar que a mãe dela ia me dar uns catiripapos. Não, péra. Se eu falar em inglês... - disse Isabel.

- *Good idea, aunt Isabel.* - disse Martin.

- *Is fake! Is fake! This Santa Claus is fake!* - disse Isabel, brincando. Ela não teria coragem de desmascarar o papai Noel. Além do mais, era um humilde e trabalhador cidadão brasileiro apenas trabalhando.

Martin estava com uma vontade enorme de tomar sorvete. E foi pedir para seu pai.

- Pai, eu quero sorvete. – disse Martin.

- Aqui não, meu filho. Aqui no shopping é caríssimo. Assim que a gente sair daqui, vamos para a sorveteria. – disse Pedro.

Após tirar inúmeras fotos, todos saíram do shopping e foram tomar sorvete na sorveteria. Dessa vez, Martin foi junto com Isabel e Clara no mesmo carro.

- Tia, você tem cosquinha? – perguntou Martin.

- Olha, Martin. Eu não posso lhe responder essa pergunta. Se eu disser que não, você vai fazer. Se eu disser que sim, aí é que você vai fazer mesmo. – disse Isabel.

Martin ficou fazendo cócegas em Isabel, que ria e esperneava no banco de trás do carro.

- Para, Martin. Você está parecendo a Clara quando tinha dez anos. – disse Isabel.

- Você conheceu a Clara com dez anos? – perguntou Martin.

- Evidente, Martin. – disse Isabel.

- Eu lembro mesmo que eu fazia um monte de cosquinha na Isabel. – disse Clara.

Martin continuou com as cócegas.

- Não, agora é sério. Para senão eu desmaio. A sua mãe desmaia se você fizer cosquinha nela. – disse Isabel.

-Vô, é verdade que a mãe desmaia com cócegas? – perguntou Martin.

- É verdade sim. Uma vez quando ela era criança, eu fiz cosquinha nela com uma caneta, e quando me percebi, ela desmaiou. – disse Salvador.

- Você já desmaiou alguma vez na vida, tia? – perguntou Martin.

- Nunca. – disse Isabel – Ainda bem.

- E você, Clara? – perguntou Martin.

- Também não. – respondeu Clara.

- Eu já. Foi quando uma larva entrou na minha mão, e quando a minha mãe estava tirando, eu senti muita dor e desmaiei. Acordei horas depois. – disse Martin.

- Acordar horas depois de um desmaio não é normal. Desmaio é rápido. – disse Isabel.

- Vai ver você só dormiu mesmo. – disse Salvador.

Finalmente todos chegaram à sorveteria. Fizeram os pedidos, serviram-se e sentaram-se à mesa para tomar o sorvete.

- Ficam estranhas numa sorveteria essas cadeiras com propaganda da Heineken. Mas pelo menos é a única cerveja que presta. Esse negócio de Itaipava não rola. Eu gosto da Heineken e de uma outra aqui que eu não lembro o nome. – disse Clara.

- É a Budweiser? – perguntou Isabel.

- Isso, essa mesma. – disse Clara.

- Isa, você está sabendo coisa demais. Você bebe cerveja? - perguntou Duarte.

- Eu não. Já experimentei vinho e cidra, mas não faço questão de beber. - disse Isabel.

- É, mas para quem não bebe, você está sabendo demais. A Isa manja dos “paranauê”. - disse Duarte.

- Você anda vendo muita maldade nas coisas. - disse Isabel.

Martin voltou com mais um sorvete e perguntou:

- Do que vocês estão falando?

- De cerveja. - responderam Clara e Isabel.

- Tia, você bebe cerveja? - perguntou Martin.

- Eu não. Eu fico com o meu refrigerante mesmo. - disse Isabel.

- Mas anda muito informada para quem não bebe. - disse Duarte, rindo.

- Nem eu lembrava o nome da cerveja, e a Isa lembrou. - disse Clara.

- Já ouviram falar em propaganda? - disse Isabel, rindo.

E todos ficaram rindo.

- Isabel, quantas sorveterias existem na sua cidade?  
- perguntou Emílio.

- Três. - respondeu Isabel - Minha cidade é pequena, só tem seis mil habitantes.

Quando o número de sorveterias da sua cidade se conta nos dedos, aí a pinimba fica séria. Isabel se sentia envergonhada por morar num fim de mundo no interior do Tocantins. Isabel queria morar em Marília. Tupã não, Marília mesmo. Tupã era mediana, mas nem shopping tinha. Só tinha um tal de Cazuzza lá que eles chamavam de shopping, mas que não passava de uma galeria. Isabel nem sabia se o nome dessa galeria era em homenagem ao cantor Cazuzza ou a um ricaço excêntrico que tinha lá em

Tupã e que era homônimo do cantor. Embora Isabel tivesse nascido em Tupã, ela preferia Marília mil vezes. Mas se caso seus pais conseguissem emprego em Tupã, ela iria para lá pronta e solícita. Era bem melhor do que viver onde estava vivendo.

Após uma noite ótima de passeios na cidade, todos voltaram para a casa. Isabel, Salvador, Luz, Martin e Pedro iriam dormir mais aquela noite na casa da Cassandra.

Isabel então entendeu que sua sobrinha Clara continuava a mesma pessoa simpática de sempre. Apesar do visual um tanto diferente, ela ainda era a mesma menina meiga, mas que ainda estava um pouco confusa com muita coisa que lhe aconteceu.

Terceiro dia: Buscando Maria Amália

Quarta-feira de manhã. Salvador e Isabel iriam buscar Maria Amália em Tupã. Junto com eles, no outro carro, iriam Cassandra, Emílio e o bebê Jesus. O plano inicial era que Salvador e Isabel fossem lá e ficassem pro jantar, haveria churrasco e tudo mais, e seus primos e tios iriam vê-la. Mas por motivos que serão especificados daqui a pouco, Maria Amália não queria ficar mais em Tupã, e pediu para Salvador ir busca-la.

Isabel também ficou sabendo que aquele era seu último dia em São Paulo. Ela e seus pais iriam embora na quinta feira de manhã. Era triste. Isabel ficou triste demais. Apenas três dias. Mas ela pensava que o recesso de sua mãe era apenas uma semana, então estava no prazo mesmo.

Isabel e Salvador seguiram viagem. Isabel usava uma calça jeans, blusa rosa, sapatilha com estampa floral, casaco rosa da Levi's e cabelo solto. Naquela quarta-feira, seguiam os dois carros para Tupã. O carro vermelho de Isabel e o carro preto de Cassandra.

Isabel estava triste, e naquele precioso momento em que ela finalmente estava sozinha com seu pai, ela aproveitou para falar tudo o que sentia. Ela estava com aquele aperto na garganta, e decidiu desabafar.

- O pouco tempo que eu passei aí foi ótimo. Mas eu percebi que eu estou desatualizada de tudo. Lá naquele fim de mundo onde eu vivo, eu me sinto parada no tempo. Gente, o Martin tem onze anos e já fala inglês e francês. Meu maior sonho é aprender idiomas, e eu não tenho oportunidade. Aquelas porcarias de colégio ranhoso não ensinam bosta nenhuma, só passam um tal de verbo to be. Eu Toba, tu tobas, ele toba... Tenho duas irmãs que falam inglês. A Cassandra é professora de inglês. E a Isabel aqui nada ainda. Sem contar que eu estou

totalmente sem acesso a tecnologias. Eu vi a Clara falando que a lente da Cannon é melhor que a lente da Nikon. Eu não entendo nada de lente de câmera fotográfica. O Duarte tem Xbox e Playstation. O Martin tem uma PSP. Gente, PSP! E isso é o meu sonho de consumo desde quando eu tinha doze anos de idade! Eu sempre desejei. Eu via pessoas com uma dessa na mão, e desejava e ainda desejo! Nem que eu estiver com trinta anos, mas eu vou querer a minha. Minha autoestima está lá em baixo porque eu moro no interior do Tocantins. Eu queria morar aqui. E outra, as nossas férias foram curtas demais. Três dias não foram suficientes para cair a ficha de que eu estava na minha terra. A gente ficou muito pouco aqui. E de quebra, não deu certo a possibilidade de eu vir estudar aqui. Eu queria tanto. - disse Isabel, chorando.

- Isabel, foi combinado que as nossas férias seriam curtas mesmo. E por favor, queira parar com esse complexo de inferioridade só porque você mora no Tocantins! Não tem nada a ver. Lá é muito bom se você quer saber! E mais, você não precisa ficar ressentida só

porque a Luz, a Cassandra e o Martin sabem falar inglês e você ainda não aprendeu tudo. É porque ainda não chegou a sua vez, mas vai chegar. Você ainda vai ter oportunidades. O Martin fala inglês e francês porque ele vive num país que fala isso. Ele aprendeu francês porque é a língua do Senegal. E inglês, porque lá no BCS só se fala inglês. Ele teve que aprender para viver lá, e ele foi para lá pequenininho de tudo. Ah, e outra coisa. Não era ainda a vontade de Deus você vir para cá para estudar. Sua avó é complicada demais. Não deu certo em 2004, e não vai dar certo agora. A síndrome de Gabriela nos idosos é incurável. Se ela não mudou antes, não vai ser agora. E lá na casa da Cassandra é complicado também. Embora a Clara vá para a África, e o quarto dela fique vago, é complicado. Aquele Duarte está muito mal-educado. E eu percebendo isso, já tirei a conclusão de que ali não é lugar para você ficar. Com aquele mal-educado não. – disse Salvador.

- Eu percebi. Ah, mas aquele garoto está estúpido. Aquilo era jeito de tratar o primo dele que veio de tão

longe para ver ele? Eu e você viemos de longe, e ele nem aí. Acho uma meretriz duma falta de educação quando você chega na casa do cidadão, e o cidadão está lá fissurado na bosta dum videogame. Sabe o que eu acho? Falta de umas chineladas no meio da fuça. A Cassandra não está sabendo ser mãe suficiente. Ela agora só cuida do pequenininho, e esquece que tem os outros filhos. Isso é errado. Em minha opinião, uma mulher quarentona que já tem filho marmanjo com barba na cara, tem mais é que fechar a fábrica. – disse Isabel.

- O Duarte está muito estúpido, mal-educado, grosseiro. O Martin ia falar com a maior educação com ele, e ele dava patada. – disse Salvador.

- O Duarte é um cavalo, isso sim. Ainda bem que ele não me desrespeitou tanto assim. Tipo, ele ainda ficava me dando umas indiretas, dizendo que eu não tinha capacidade de aprender a jogar o videogame. Mas essas coisas eu ignorei, era só o que me faltava discutir com sobrinho. E decidi que nada ia estragar minhas férias. Eu

vi que ele estava estúpido, então eu nem puxei tanto papo assim. Gente, se alguém me sacaneasse desse jeito igual o Duarte está sacaneando o Martin, eu juro que nunca mais olhava na cara dessa pessoa. O Martin não tem malícia, é um menino muito bonzinho. Eu com a idade dele não tinha saco para aturar essas coisas que ele atura do primo dele. – disse Isabel.

- Ele só não foi mal-educado com você porque você é menina. Pelo menos ele tem um pouco do senso do ridículo. – disse Salvador.

Finalmente todos chegaram à casa de Leonor. Ela ficou feliz em ver Isabel.

- Eu disse que voltava. – disse Isabel, abraçando a vó.

- Oi amor. – disse Leonor.

- Mãe, me dá um abraço, mas que saudade que eu estava de você. Como é que você está? Mas que cabelo chique. – disse Isabel. Ela e Maria Amália se abraçaram.

- Que saudade que eu estava de você, Bel. – disse Maria Amália. Enquanto ela esteve ali, andou indo no salão de beleza e estava com o cabelo lindo e arrumado.

Todos foram convidados a entrar. Na televisão estava passando o programa do João Kleber. Leonor estava toda afoita com a preparação do almoço.

- Gente, programa do João Kléber? Fala sério, cara. Esse programa é um lixo. – disse Isabel.

- Bota lixo nisso. – disse Salvador.

- Pior que ele já segurou a minha audiência algumas vezes. Tipo, eles tem aquilo do fulano tem um segredo para revelar para fulano. Daí a gente fica curioso, mas eu fico irritada porque eles não revelam logo a porcaria do segredo. Não sabia que minha avó gostava dessas coisas. – disse Isabel.

Na verdade o plano era só buscar Maria Amália e ralar peito. Mas como a dona Leonor sempre consegue tudo o que quer, eles tiveram de ficar para almoçar por lá

mesmo. Mas antes deles almoçarem, eles passaram na casa do Tio Aparecido, a pedido de Maria Amália. Esse era o tio favorito dela, desde sua infância sempre presente e sempre participou de maneira significativa da sua vida. Ele era irmão de Leonor, mas era totalmente o oposto dela. Mas antes eles passariam na casa da vó Marline, para Isabel vê-la.

E assim foi. Carro da Isabel na frente, e carro da Cassandra atrás. No caminho, eles falavam.

- Passarinho me contou que a Isabel passeou no shopping um monte de vezes, parecendo uma madame. - disse Maria Amália.

- Pois é, foi incrível. Ah, eu comprei um vestido e um calçado. Chiques demais. - disse Isabel.

- Me arrependi de ter ficado na casa da minha mãe. Foi um marasmo só. A gente só saiu para eu arrumar o cabelo. O Ubirajara, namorado dela, não passa de um baita de um fofoqueiro leva-e-traz. E é também uma

perguntação lascada, onde já se viu? Querendo saber da minha vida, querendo saber da Isabel. Ainda bem que a Isabel ficou lá em Marília. E esse cara é um pé-de-cana, como todos sabem. Ele é um parasita, oportunista, vai lá na casa da minha mãe e fica pendurado no telefone dela, só aumentando a conta de telefone, falando com uma tal de Vanessa que é a filha dele. E a minha mãe lava as roupas dele de graça ainda por cima. – disse Maria Amália.

- Mas que cara preguiçoso, machista e aproveitador de velhinhas! Tem lógica um negócio desses? A mão dele não vai cair se ele lavar a própria roupa dele. – disse Isabel.

- Ah, Isabel, também não é assim. O Ubirajara leva sua vó de carro para os lugares, porque ela tem aquele fusca, mas não sabe dirigir. Dois velinhos se ajudando. – disse Maria Amália.

- Diz a vó que ele é só um colega. Mas para mim eles sempre foram namorados. – disse Isabel.

- É, mas no começo eles eram namorados mesmo. – disse Salvador.

- Ouvindo tudo isso agora. Antigamente, eu pensava que o Ubirajara era vitima e injustiçado, porque o tio Paulo e o tio Eduardo não gostam dele. Eu pensava que o Ubirajara era o coitadinho da história. Mas estou vendo que não. – disse Isabel.

- Coitadinho, é? Vai nessa. – disse Maria Amália – Hoje ele ligou lá pra casa da minha mãe e disse para ela colocar no canal onde estava passando o programa do João Kleber. Aí ele disse: *“Leonor, assiste aí o João Kleber pra você ver as crueldades que os filhos fazem com os pais”*. Ele quer colocar dentro da casa dela essas porcarias televisivas.

- Por isso que quando chegamos lá, a tevê estava ligada no João Kleber. – disse Salvador.

- Sinceramente, não sei por que ela largou o Zé Siqueira para ficar com o Ubirajara. Eu gostava mais do

Zé. Ele pelo menos era evangélico, não que isso defina caráter, porque o que tem de evangélico safado não está escrito, mas me simpatizei com ele. Ainda que ele fosse ateu ou candomblecista, mas ele era uma pessoa muito boa. Agora o Ubirajara, eu não fui com a cara dele. Acho que alguém tem um dedinho deteriorado na hora de escolher seu par romântico. – disse Isabel.

Finalmente eles chegaram à casinha da avó Marline. Paco, irmão de Salvador e tio de Isabel, abriu a porta. Junto com ele, veio o cachorro pinscher deles. Aquele cachorro existia desde sempre, desde quando Isabel se entendeu por gente. E aquele cachorro estava velho, caindo aos pedaços, perdeu pelo e mal conseguia parar em pé.

Todos entraram na pequena casa verde da avó Marline. A velhinha se encontrava sentada no sofá da sala.

- Vó, que saudades! A senhora se lembra de mim? – disse Isabel, abraçando a avó.

Vitória Ferreira

- Claro que eu me lembro, filha. Que saudades. – disse Marline.

Cassandra também foi abraçar a avó.

- Eu sei quem você é. Você é a Luz. – disse Marline.

- Não, vó, eu sou a Cassandra. – disse Cassandra.

Salvador também foi cumprimentar a mãe. Eles se viram na segunda-feira, quando ele foi lá com Luz e Martin e tiraram fotos. Fotos essas que todos perceberam que Salvador, apesar de ser o mais velho dos irmãos homens, estava com aspecto mais jovem e bem cuidado em relação aos demais.

Eles ficaram ali conversando e tirando fotos. Próximo passo, ir até a casa do tio Aparecido.

Chegando lá, a esposa dele, a tia Dercy, atendeu o portão e os recebeu.

- Oi tia, tudo bom? – disse Maria Amália.

- Amália, quanto tempo. Espere aí, aquela ali é a Isabel? Gente, mas como ela cresceu. – disse Dercy.

- Oi tia. – disse Isabel – Quanto tempo.

- A gente acabou de chegar da feira. Vamos, entrem. Eu vou chamar o Aparecido.

Todos entraram e se sentaram. Aquela casa tinha um agradável aroma de laranja. Por algum motivo, aquele aroma remeteu à Isabel lembranças boas de Portugal. Aparecido e Dercy eram feirantes e vendiam laranja.

- Amália, minha sobrinha. Quanto tempo! – disse Aparecido.

- Tio, que saudades. – disse Maria Amália.

Todos ficaram ali conversando. Logo depois, eles ficaram tirando fotos de todos. Saíram lindas fotos. Câmera profissional é outro nível.

Aparecido presenteou Salvador e Maria Amália com sacos de laranja para eles levarem para o Tocantins.

- Estou vendo que você pegou o sotaque de lá. - disse Dercy para Isabel.

Ah não! De novo não! Isabel ficava P da vida quando alguém lhe dizia isso.

- Nada ver, tia. Eu falo como paulista Eu sou paulista. Tocantinense fala feio, a senhora não tem ideia. Eles falam feio pra danar. - disse Isabel.

Tudo pronto, eles se despediram dos tios e saíram. Voltaram para a casa de Leonor, pois ela os esperava para almoçar.

- Eu não gosto quando dizem que eu tenho sotaque do Tocantins. Será que eu falo tão feio assim?! - disse Isabel.

- Para com isso, Isabel! Agora você vai ficar injuriada e amargurada só porque a tia Dercy disse isso?! Deixa de história. - disse Salvador. Ele estava chato e estressado.

- Isabel, você não fala igual tocantinense. Você fala igual paulista. Esse povo não sabe de nada. Por acaso ela foi lá no Tocantins para saber como o povo de lá fala? Não. – disse Maria Amália.

- Engraçado. Quando eu estou no Tocantins, eles lá dizem que eu falo como paulista que carrega nos erros. Tudo beleza, aí está certo e eu gosto. Mas agora quando eu estou aqui, uns e outros vem e falam que eu tenho sotaque tocantinense. Então minha voz é estranha e defeituosa, e eu tenho de fazer sessão de fonoaudiologia. – disse Isabel, triste.

- Para de falar besteira, Isabel! Mas que coisa. Agora vai ficar aí remoendo. Dá licença. – disse Salvador.

- Calma, pai. Mas que coisa. Mania de gritar comigo. – disse Isabel.

Isabel pensou: *“Mas está chato pra caramba, meu! Se não fosse meu pai, ele ia ouvir. Não estou com saco pra essas coisas.”*.

As coisas não estavam indo nada bem para Isabel. O fato de ela estar em Tupã parecia que umas energias pesadas de certas pessoas ali estavam a atingindo. Vó Leonor tinha energia pesada que a acompanhava.

Lá na casa de Leonor, eles almoçaram bem. Depois do almoço, Leonor e Maria Amália ficaram conversando na cozinha. Emílio e Cassandra estavam cuidando do Jesus. Isabel e Salvador estavam sentados no sofá da sala lutando queda-de-braço. Logicamente, Salvador estava ganhando.

- Isso é porque eu como jiló e alface. - disse Salvador.

- É, mas olha só para o meu tamanho e olha para o seu tamanho. É desproporcional. Nem com toda estratégia, eu conseguiria te vencer na queda-de-braço. - disse Isabel.

Logo depois, Leonor apareceu na sala para aproveitar mais a presença de Isabel.

- Eu prometo não demorar mais para te ver. Eu vou, mas eu volto. – disse Isabel.

- Eu vou estar sempre aqui. – disse Leonor. E olhava para as mãos de Isabel, seus dedos longos e finos, com as unhas quadradas, bem feitas e pintadas de rosa pink.

- Você gosta mesmo de andar com as unhas pintadas, esmaltadas. – disse Leonor.

- Eu mesma faço as minhas unhas. – disse Isabel.

Depois daquele momento com Leonor, era momento das despedidas. Todos se despediram dela, para depois passar na casa da tia Angelina.

A caminho da casa da tia Angelina, Isabel disse:

- Eu vou começar a aprender idiomas por conta própria. Vou lutar para vencer. Quero aprender inglês, francês e espanhol. – disse Isabel.

- Ah, já vai começar com essa de sotaque! Mas ela ficou amargurada com essa história de sotaque! Mas que coisa! - começou Salvador. Ele estava estressado e irritadiço.

- Não, pai. Não é isso. A parada é a seguinte, véi... - disse Isabel, brincando. Ela não gostava de usar gírias com o pai, mas estava falando em tom de brincadeira e descontração. Mas Salvador entendeu tudo errado. Ele já estava chato e irritado, então ele já gritou e levantou a mão como se fosse bater na Isabel.

- Você me respeita, menina! Senão eu te bato! - gritou Salvador.

Maria Amália não disse nada, parecia que aprovava tudo.

- Não pai, eu só estava brincando. Eu não falei por mal. Não tem nada a ver com sotaque! Eu quero aprender porque eu não quero ficar para trás! Não quero ficar

desatualizada e parada no tempo! Eu não falei em sotaque, eu falei em idiomas! – disse Isabel.

- Se você não perdesse tempo escrevendo aquelas porcarias dos seus livros, você já teria aprendido idiomas. Mas não! Fica só lá escrevendo. – disse Salvador.

- Ah não. Agora já é demais! Vai me julgar agora porque eu escrevo! Pelo menos escrevendo eu faço algo produtivo! Antes escrever do que ficar viciado na bosta do videogame igual o Duarte! – gritou Isabel, chorando.

- Cala a boca! – gritou Salvador.

- Ah! Já é demais para mim! Você sabe que eu tenho trauma quando alguém me manda calar a boca! Eu tenho trauma disso! – disse Isabel, chorando.

Isabel chorou copiosamente. Olha só o que Salvador fez com ela. Palavras que magoam. E ainda por cima, eles estavam a caminho da casa da tia Angelina. Isabel não queria chegar chorando na casa de sua tia.

Salvador parou no posto para abastecer o carro. Ele desceu do carro para pagar a frentista. Aproveitando, Isabel aproveitou para extravasar toda a sua fúria e começou a gritar, chorar e se descabelar literalmente. Isabel era de natureza calma e controlada, mas vai mexer com ela para você ver. Irônico ainda é que há alguns minutos, Isabel e Salvador estavam numa boa, se divertindo na queda-de-braço. E agora Salvador se virou do avesso e estava aquele pai bravo sem motivo.

- Eu tenho trauma de “cala a boca”! Ninguém me manda calar a boca! O problema que ele é meu pai, e eu não posso fazer nada. Ah, mas a partir de hoje, se alguém de fora me mandar calar a boca, eu meto a voadora de dois pés na cara dessa pessoa. Meto a porrada mesmo! Eu fico fora da casinha quando alguém me tira do sério! E ainda por cima ele vem me julgar, dizendo que eu fico perdendo tempo escrevendo livro! Se referiu ao meu trabalho como porcaria! Antes escrever do que ficar fissurado no videogame igual ao meu sobrinho. Isso ele

não reconhece! Cacilda! A minha paciência está no limite e a minha tolerância é zero!- disse Isabel.

- Calma, Isabel. Seu pai está nervoso. A sua vó tira todo mundo do sério. A casa dela tem uma energia pesada, eu me arrependi de ter ficado lá. E além do mais, seu pai entendeu tudo errado. Eu sei que não tem nada a ver com sotaque, e sim pelos idiomas que você quer aprender. Parece que quando a pessoa fica velha, a audição fica afetada. - disse Maria Amália.

- Nervoso?! E o que eu tenho a ver com isso?! Se ele está estressado o azar é dele! Acho o fim da paçoca uma pessoa descontar raiva nos outros só porque está de cabeça quente. Eu posso ter todos os defeitos do mundo, mas eu nunca vou descontar raiva em quem não tem nada a ver com o meu problema. Olha, ele passou do limite hoje. O meu pavio curto eu tive a quem puxar. E você nem para me defender, não é, mãe? Nessas horas eu me sinto desprotegida, sem apoio, sem proteção, sem ninguém que me defenda. - disse Isabel.

- Eu vou ter uma conversa séria com o seu pai. É que eu tenho essa mania de não me meter quando é ele quem está te corrigindo. Perdoa-me, filha. Não tive má intenção. - disse Maria Amália.

- Eu entendo. - disse Isabel.

Isabel acalmou os ânimos, tomou uma água e parou de chorar. Agora ela podia se apresentar para sua tia Angelina.

- Vacilou, hein, Salvador. - disse Maria Amália.

- Por quê? O que foi que eu fiz? - perguntou Salvador.

- Não se faça de santinho. Você, Salvador, tem essa mania ridícula de fazer cagada e ao invés de pedir desculpas, você fica com essa cara de cachorro que peidou na igreja. Você sabe o motivo. Seja homem e assumo. Você nunca mais perca a paciência dessa maneira com a Isabel. Você se descontrolou sem motivo e quase bateu nela. Você mesmo se gaba de que não bate nela e tudo mais. E agora

cai em discrepância. A Isabel sempre foi a sua princesinha e agora você quer bater nela?! Aprenda a ouvir antes de impor a sua tirania. Injustiça! E você vê se pare de criticar os livros dela. Antes escrever do que ficar bagunçando na rua. Sua filha é um gênio, é a inteligência pura, então não se tem motivos para criticá-la. A escrita ela puxou de você, que escreveu um livro, e ela gostou tanto do negócio que começou a escrever os livros dela também. Você serviu como exemplo para ela. E agora vem dizer que o trabalho dela é porcaria. Mais uma dessas que você aprontar, eu te coloco pra dormir no sofá. – disse Maria Amália.

Salvador ficou quietinho. Baixou a bola. Ficou tão envergonhado que não disse mais nada. Maria Amália era toda quietinha e tímida, mas quando Salvador fazia burrada, aí ela se virava do avesso mesmo.

Chegando a casa da tia Angelina, Isabel foi a primeira a entrar na casa.

- Tia, você está me reconhecendo? – disse Isabel.

- Lógico que sim. – disse Angelina – Mas como você cresceu, menina! Mas está enorme. E linda.

- Obrigada, tia. Quanto tempo. – disse Isabel.

- Oi Angelina. – disse Maria Amália.

- Oi Amália. –disse Angelina.

Elas já haviam se visto durante a estadia de Maria Amália em Tupã.

- Oi cunhado, quanto tempo. – disse Angelina.

- Angelina, quanto tempo. – disse Salvador.

- Oi Cassandra, quanto tempo. Você teve mais um bebê? Mas que fofinho. – disse Angelina.

- Pois é. – disse Cassandra – Tudo bem com você?

- Tudo ótimo. E como estão os outros? – perguntou Angelina.

- Estão bem. A menina está com vinte anos e o menino está com dezesseis. – disse Cassandra.

Eles ficaram ali conversando. Angelina e Maria Amália ficaram conversando no quarto da Angelina.

- Isabel, vem aqui. - disse Angelina.

- Opa, já estou aqui. Cheguei. - disse Isabel.

- Eu tenho umas blusinhas para te dar. Servem para você. - disse Angelina.

- Sério? Obrigada. Você é um amor. - disse Isabel.

- Experimenta aí para ver se serve. - disse Angelina.

As blusinhas serviram perfeitamente para Isabel, que foi mostrar para todos na sala.

- Olha só a blusa que eu ganhei da minha tia. Se liga que vai começar o Isabel Fashion Week. - disse Isabel, desfilando pela sala como se fosse em uma semana de moda.

- Que chique. - disse Cassandra.

Vitória Ferreira

- Elegância pura. – disse Salvador.

- Obrigada, obrigada. Eu sei que eu sou o máximo.  
- disse Isabel.

Tia Angelina ainda presenteou Isabel com cinquenta reais.

- Obrigada, tia. – disse Isabel.

- Se você tivesse ficado aqui em Tupã, eu te levava para o centro para comprar um calçado para você. – disse Angelina.

- Mas tudo bem. – disse Isabel.

E assim foi. Depois de matarem a saudades, todos voltaram para Marília.

Terceiro e último dia: choro, churrasco e gargalhadas

No caminho de volta para Marília, Salvador andou refletindo sobre a cagada que ele fez. Ele não pediu desculpas para Isabel, mas para consertar a burrada, ele mudou o tratamento com ela e ficou agradando todo carinhoso. Era sempre assim. Era o jeito dele “pedir desculpas”. Então tudo ficou bem entre pai e filha. Antes de chegarem na chácara, eles pararam no Posto Gigantão, para Salvador comprar um sorvete para Maria Amália, pois como ela estava em Tupã, não pode ir à sorveteria com a turma toda lá em Marília. Salvador, para se retratar com Isabel, também comprou um sorvete para ela

- Cornetto de chocolate. - disse Maria Amália.

- Magnum de chocolate com avelã. - disse Isabel.

Isabel ainda estava bem triste pelo fato de que iria embora no dia seguinte. Três dias foram poucos, não foram o suficiente para cair a ficha de que ela estava na terra dela. Embora ela tenha aproveitado ao máximo e vivido intensamente esses dias, mesmo assim ainda era pouco.

Isabel, Salvador e Maria Amália estavam sentados no alpendre da chácara com Maria Neuza conversando. Logo depois, chegam de carro Luz, Martin, Pedro e Felícia, a filhinha da Lia. Eles estavam chegando de Vera Cruz, e com calçados novos. Martin e Felícia desfilavam com os chinelinhos novos que compraram. Martin havia comprado umas havaianas do Onde Está o Wally. E Felícia estava com um chinelinho da Hello Kitty da Ipanema, branco com dourado. Martin foi logo mostrar para Isabel as suas havaianas novas.

- Tia, olha só a minha sandália nova. Veja se consegue encontrar o Wally. - disse Martin.

- Que legal. – disse Isabel. E pôs se a procurar o Wally no meio de uma multidão de gente na praia.

Algum tempo depois, Martin convidou Isabel para jogar Banco Imobiliário. Os dois sentaram-se à mesa e montaram o tabuleiro. E passaram o maior tempão jogando.

- Tia, você ficou triste porque os seus primos não foram te ver? – perguntou Martin.

- Eu não. – disse Isabel – Eu só quero quem me quer. Eles tinham noção que os meus dias aqui eram limitados, e que eu ia embora logo. O plano era que a gente se encontrasse à noite, haveria um jantar na casa da minha avó. Mas minha mãe quis ir embora logo, porque minha avó é complicada e o namorado dela é um baita alcoviteiro. E além do mais, eu não faço questão de vê-los. Eu vi a avó Marline, vi o meu tio-avô, fui à casa da minha tia, e ela me deu roupa e dinheiro. Minha principal finalidade ao viajar para cá foi para te ver, Martin. Eu só te conhecia por foto e pelas histórias que o meu pai contava

Vitória Ferreira

de você. Ver você e a sua mãe, e matar a saudade da minha terra.

- Ah, sim. Entendo. Vejo que você é uma pessoa bem resolvida. - disse Martin.

- Obrigada, Martin. - disse Isabel.

Logo depois, o lanche foi servido. Isabel e Martin encerraram as atividades no jogo e foram comer. Pão com presunto e suco de laranja natural feito na hora.

Naquela noite, Cassandra, Emílio, Duarte, Clara e Jesus viriam para a chácara, pois haveria um churrasco. Daqui a pouco eles estavam ali.

Lia chegou do trabalho e sentou-se numa cadeira no alpendre. Ela, Maria Amália e Isabel ficaram conversando sobre Portugal. Pois elas moraram lá.

- Mas Lia, porque você voltou? Desencantou de lá?  
- perguntou Isabel.

- Desencantei. E como. – disse Lia – Lá é bom para passear, não para morar.

- Já eu penso o contrário. Não vejo aquilo com olhares turísticos. Eu vejo Portugal com olhares de residente. Mas é tipo assim, lá é bom desde que você esteja trabalhando na sua profissão, ganhando bem, comendo bem e morando bem. Agora ir lá para ser miserável e ainda por cima morar na favela não rola. Eu amo Portugal, e tenho sonho de voltar para lá. Mas é melhor você viver com condições financeiras no Brasil do que ser pobretão lá em Portugal. Passar perrengue não é bom mesmo. Por isso pretendo estudar bastante, adquirir experiência profissional aqui no Brasil para depois voltar para Portugal. Trabalhar na minha profissão lá, viver bem lá. – disse Isabel.

De repente, Martin aparece com sua fantasia de urso que comprara em Portugal.

- Olha o outro. – disse Isabel, rindo – Que fantasia irada, cara. Maneiro.

- Obrigado. – disse Martin. Ele colocou só para brincar, depois ele voltou a roupa comum de gente.

Depois de um dia cheio de emoções ruins, Isabel foi tomar um banho e se arrumar para o jantar de hoje à noite. Isabel ainda não se conformava pelo fato de ter que voltar para o Tocantins. Ela encostava a cabeça no colo da sua mãe para chorar. Mas Salvador foi lá e disse:

- Para de preconceito com Tocantins. O Tocantins é um estado muito bom. Eu viveria lá o resto da vida. Mas que coisa.

- Essa é a sua opinião. A minha opinião é que o meu São Paulo é melhor do que o Tocantins. Cansei de sofrer no meio do mato, ser a menina do interior, a caipira da roça. Até respeito a sua opinião, mas eu tenho a minha e pronto. – disse Isabel.

Salvador não queria entender que Isabel não gostava de viver no Tocantins. Ele gostando era o que

bastava. Salvador era o tipo de paulista que adotou o Tocantins e agora pronto.

Maria Neuza perguntou para Maria Amália:

- O que ela tem? Saudade do Tocantins?

Isabel só fez que não com o dedinho. Então Maria Amália explicou:

- Ela está assim porque não quer voltar para o Tocantins, ela está manhosa porque a viagem foi curta demais.

- Entendo. - disse Maria Neuza - Não fica triste não, Isabel.

- Eu vou tentar. - disse Isabel

Lia percebeu que Isabel estava triste.

- Isabel, vem assistir tevê comigo no meu quarto. Maria Amália, pode vir também. - disse Lia.

- Ok, vamos. - disse Isabel, ainda chorando.

Elas foram para o quarto de Lia assistir Chiquititas. Isabel era telespectadora assídua dessa novela, mesmo sendo novela de criança. Felícia e Martin já estavam lá assistindo e brincando de pular na cama.

- Eu vou bater nos dois. - disse Lia, carinhosamente.

Elas ficaram lá assistindo e conversando. Maria Amália teve que dar uma saidinha. Luz entrou para falar com Isabel.

- Passarinho me contou que alguém esteve chorando. O que houve maninha? Está com cólica? - perguntou Luz.

- Não, quem está naqueles dias é a minha mãe e não eu. Eu estou assim porque o pai é chato. - disse Isabel.

- Porque você está chamando o pai de chato? Ele é meu pai também. Agora eu quero saber. Fala, maninha. Por que você está triste? - disse Luz.

- O pai é fora de série. Só porque ele supostamente “gosta” do Tocantins, ele acha que eu sou obrigada a gostar também e que deva ficar lá. E eu não quero. Eu gosto daqui da minha terra. Minha autoestima fica lá embaixo porque eu moro num fim de mundo com seis mil habitantes. Lá eu fico parada no tempo, desatualizada das tecnologias e sem oportunidade de aprender idiomas. Entre eu, você e a Cassandra, eu sou a única irmã que não sabe falar inglês. Gente, o Martin fala inglês e francês! E eu não! Por falta de oportunidade. Eu comecei a aprender Francês em Portugal, eu era a melhor aluna de francês, as minhas notas eram de dar inveja aos meus colegas, mas depois eu fui embora de lá, isso foi tirado de mim. Eu tenho medo de ficar enfurnada lá naquele mato a vida inteira, eu não quero isso para mim. - disse Isabel, chorando.

- Ah, Isabel. O pai fala assim porque já está velho, e as portas para ele quase todas estão se fechando. Agora você não. Você é jovem, esse ano que vem você já faz dezoito anos. Você pretende estudar Estética, vai ainda

ver o que quer cursar depois. Se você gostar mesmo de Estética, pode ser que você vá querer fazer Dermato. Ou você pode ir mesmo para o Jornalismo, porque do jeito que você gosta de escrever vai longe. Você vai fazer sua faculdade, ter o seu trabalho e no meio da caminhada pode conhecer o amor da sua vida. Tudo pode acontecer. Então, você não precisa ficar na cola do pai no Tocantins, você é livre para voar e o céu é o limite. Eu sei que está difícil para você se adaptar novamente no Brasil depois de viver em Portugal. A Lia também está passando por isso. Ela fala que não, fala que Portugal não é bom, mas no fundo ela está com dificuldades para se adaptar de volta ao Brasil. E depois que você já estiver formada, trabalhando, você pode muito bem vir aqui para Marília, e futuramente voltar a morar em Portugal, que é o seu sonho. Então, maninha, fique de boa na lagoa. Seja feliz e vá à luta pelos seus sonhos e objetivos. – disse Luz.

- Obrigada, maninha. Só você mesma para me animar com suas injeções de ânimo. – disse Isabel.

- Então sorria meu bem, alegre esse coração. – disse Luz.

E assim foi. As palavras de Luz conseguiram consolar Isabel. Logo depois, Cassandra, Emílio, Clara, Duarte e Jesus chegaram à chácara. Isabel continuou com Lia, Felícia e Maria Amália no quarto assistindo tevê. Já que Duarte pode ficar fissurado no videogame sem dar atenção para as visitas, Isabel também podia ficar vendo televisão e aparecer por lá só para comer. Isabel nessa hora pensou: *“Hora da revanche. Não sou obrigada a pagar de anfitriã para quem não me recebe direito na casa dele”*. Mas Cassandra foi até ao quarto de Lia para cumprimentar Isabel e Maria Amália.

- Oi Isa, oi Amália. – disse Cassandra.

- Oi mana, tudo bom? – disse Isabel.

O jantar já estava pronto e já tinha carne de churrasco para comer. Todos foram se servir. Isabel, com os ânimos retomados, compareceu ao alpendre.

Ela sentou-se à mesa juntamente com Cassandra, Luz, Clara e Martin. E ficaram conversando sobre novelas.

Rafael estava no comando do churrasco. Só que ele deixou o coração de galinha para ser assado por último. Tipo, Salvador e Isabel amavam coração de galinha, e Salvador pediu para Rafael não deixar por último. Mas ele pegou e deixou por último de pirraça, só porque não gostava de coração. Daí quando todo mundo estava com a pança cheia, o coração ficou pronto e colocado na mesa.

- *What is it?* – perguntou Martin.

- *Chicken's heart.* – respondeu Cassandra.

- *Do you like this, Martin?* – perguntou Isabel.

- *A little bit.* – respondeu Martin

- Já eu amo de paixão. Mas só agora que ele ficou pronto, e eu estou satisfeita. Vou comer só um porquinho, porque eu gosto muito. – disse Isabel.

Quem estava se esbaldando no coração de galinha era o Duarte. Ele passava um monte para dentro. Ele comia um espetinho atrás do outro com Coca-Cola. Isabel só observando. Ela perdeu a conta no quinto espetinho de coração que ele estava comendo. Isabel pensou: *“Esse menino vai passar mal, comendo demais desse jeito. Que glotonaria. Não sei como tem tanto espaço aí. Eu não conseguiria comer nem metade de um espeto.”*

- Isabel, me dá um pouco desse refri aí fazendo favor? – disse Pedro.

- Ah sim. – disse Isabel, e colocou um copo para Pedro.

- *Merci beaucoup*. – disse Pedro.

- Como se diz “de nada” em francês? – perguntou Isabel.

- Se diz *“De Rien”*. – respondeu Pedro.

- Ah, meu Deus. Tão na cara. Tipo, eu sabia que era isso. Mas eu achava que para “de nada”, não se traduzia ao pé da letra. Porque em inglês se diz “you’re welcome”, e se formos traduzir ao pé da letra fica “você é bem-vindo”. Eu sabia do “de rien” porque em um dos meus livros, a história é ambientada em um vilarejo fictício chamado “Terre de Rien”, ou seja, “terra do nada”. – disse Isabel.

- Viu como você sabe das coisas? – disse Pedro.

- Ah, eu pretendo aprender Inglês, Francês e Espanhol. Como não tenho recurso financeiro para isso no momento, vou aprender por conta própria. Ser autodidata. – disse Isabel.

Duarte, que passava por perto, foi dar uma de entrosa e disse:

- Vai só perder tempo, Isabel. – disse Duarte – Aprende só inglês que é mais lucro.

- Não, Duarte. Não vou me limitar a aprender só inglês. Também quero francês e espanhol. – disse Isabel.

- Estou falando que você só vai perder seu tempo. – disse Duarte.

- Isso é o que vamos ver. – disse Isabel – Ah, e antes de você falar que idioma é perda de tempo, lembra que é o idioma que coloca comida dentro da sua casa. Ou não vai me dizer que você esqueceu que a sua mãe é professora de inglês?

Duarte ficou quietinho e parou de frescura. Isabel pensou: *“Se aprender idioma é perda de tempo, então ficar viciado no videogame é algo ótimo e produtivo. Nada do que ele me disser vai me atingir. Na vida, a gente encontra esses desencorajadores de plantão para te jogar água fria. E se ele disse que eu vou só perder tempo, é aí mesmo nessa tecla que eu vou insistir. Vou aprender idiomas e estou pouco me lixando para quem diz que eu não vou conseguir. Ah, moleque!”*

Isabel e Martin ficaram conversando e tomando Coca-Cola.

- Isa, conta a história da Coca-Cola pro Martin, vê se ele lembra. - disse Salvador.

- O meu pai gravou um vídeo de vocês dois lá em Portugal quando você tinha três anos de idade. Você era viciado em Coca-Cola. Daí o meu pai falou para você: "Coca-Cola não presta". Aí você responde: "Presta sim!". Meu pai replicou: "não presta, não presta. Coca-Cola é xixi de elefante. Coca-Cola é porcaria." Daí você pega e responde: "porcaria é esse seu ocolocolocó" Na verdade você queria dizer óculos, mas você se atrapalhou todo e falou errado. - disse Isabel, rindo.

Martin caiu na gargalhada. Ele e Isabel ficaram rindo freneticamente.

- Porcaria é esse seu ocolocolocó. - disse Martin, rindo.

- Coca-Cola é xixi de elefante. - disse Isabel, rindo.

Martin e Isabel ficaram rindo daquela história por altas horas.

- Eu vou querer esse vídeo. – disse Martin.

- Eu vou falar pro pai procurar e mandar para você.  
– disse Isabel.

Martin e Isabel ainda ficaram lá rindo litros. Enquanto isso, Luz e Clara conversavam. Elas agora estavam mais próximas do que nunca, visto que Clara iria para África com Luz. Lá ela iria receber orientação, conhecer uma nova realidade, trabalhar como sócia na escola que Luz e Pedro fundaram na aldeia.

Duarte convidou Martin e Isabel para jogar Monopoly Deal. E os três ficaram jogando lá até altas meias-noites. Até que Cassandra chamou o marido e os filhos para irem embora. Eles se despediram de Salvador, Maria Amália e Isabel. E pela primeira vez na vida, Duarte chamou Isabel de tia.

- Tchau, tia. – disse ele.

- Tchau. Até a próxima. – disse Isabel.

Isabel foi se despedir de Cassandra.

- Tchau, maninha. A gente se vê. – disse Isabel.

- Me dá um abraço. – disse Cassandra.

Isabel abraçou a irmã e até tentou levá-la no colo, porém não conseguiu.

- Apesar de eu ser bem mais alta que você, você ainda é mais gordinha. – disse Isabel, brincando.

- Ah, mas está se achando essa menina. – disse Cassandra, rindo.

- Bença, tia. – disse Martin.

- Deus te abençoe, meu filho. – disse Isabel.

- Olha só a cara da Isabel se sentindo velha. – disse Luz.

- Me sentindo velha? Mas rapaz, eu estou me sentindo é jovem, isso sim. Gosto quando meus sobrinhos

me chamam de tia. Vem cá, Martin, me dá um abraço de urso. – disse Isabel.

- Hei Martin, vai lá vestir aquela sua fantasia de urso e volta para dar um abraço na Isa. – disse Duarte.

- Mas é sarrista mesmo. – disse Isabel, rindo.

- Me deixa tirar uma foto de vocês dois. – disse Luz.

Isabel e Martin posaram para a câmera. Martin ficou na ponta dos pés, para ficar alto.

- Epa, Martin, pode parar. – disse Luz, rindo.

- Não esquenta não, quando você crescer, você vai ficar mais alto do que eu. – disse Isabel.

Então Cassandra e companhia se foram. Isabel se preparava para dormir. Maria Amália já estava no sétimo sono. E Salvador estava indo pelo mesmo caminho. Martin foi se despedir da tia Isabel, pois ela iria embora bem cedo, e ele estaria dormindo.

Vitória Ferreira

E assim foi. A última noite em Marília. Foram férias ótimas.

#Partiu #Tocantins

Salvador, Isabel e Maria Amália acordaram cedo e se preparavam para partir. Agasalharam as coisas no carro e foram tomar café da manhã. Isabel estava bancando a durona, mas por dentro ela chorava.

Pedro, Luz e Frederico acordaram cedo para se despedir dos três. Pedro tentou passar uma música evangélica em espanhol para o celular de Isabel via Bluetooth, mas deu uma zebra lá e não deu certo. Todos sentaram-se à mesa para tomar o café da manhã.

- Eu não caprichei no café da manhã porque eu peguei trauma. Certa feita, uma cantora ficou hospedada aqui em casa. No dia em que ela ia embora, eu a levaria no aeroporto. Mas antes ela ia tomar café da manhã. Eu acordei bem cedo e fui comprar pão, presunto, queijo, pão de queijo, fruta, e tudo mais que se compra para um café-

da-manhã caprichado. Coloquei tudo na mesa. E quando ela foi comer, ela só tomou um pinguinho de café com leite e pronto, e já pediu para eu levar ela no aeroporto. Depois dessa nunca mais. Acordei cedo demais e gastei dinheiro para no final ela só tomar um pingo de café com leite. – disse Frederico.

Então chegou a hora das despedidas. Isabel bancou a durona em todo tempo. Despediu-se da irmã e do cunhado. Martin estava dormindo, sua despedida dele foi ontem à noite. Após as despedidas e abraços, Salvador, Maria Amália e Isabel entraram no carro e seguiram viagem. Mas no momento em que Isabel entrou no carro, as lágrimas rolaram.

Durante a viagem, foi essa tristeza. Isabel estava triste e não estava a fim de papo. Salvador e Maria Amália perceberam a tristeza da filha.

- Mas você só tinha essa semana de recesso, mãe? – perguntou Isabel.

- Era essa e a outra. Duas semanas. – respondeu Maria Amália.

Naquele momento, Isabel se sentiu traída e enganada por sua própria mãe.

- Duas semanas?! E a gente só ficou três dias?! Vocês tinham noção que essa viagem era importante para mim! Porque vocês fizeram essa sacanagem comigo? E de quebra a gente está gastando mais tempo na estrada do que a gente gastou estando lá em Marília. Se a gente viesse de avião, não perderíamos tempo produtivo na estrada. Desde que voltamos de Portugal, eu nunca mais tive oportunidade de viajar de avião. Aliás, nem de ônibus confortável de linha. Depois que eu caí em Toca City, minha vida ficou um tédio. Uma chatice. – disse Isabel, chorando.

- Isabel, por favor. Não vá ficar deprimida agora. Você já viu a sua irmã, conheceu o seu sobrinho. Já está ótimo. – disse Maria Amália.

Vitória Ferreira

- E quanto mais a gente fica, mais a gente gasta. E outra, sua mãe quis vir embora porque a sua vó ficou enchendo as paciências dela. E eu já falei que avião é caro e que o carro é a nossa identidade e autonomia. – disse Salvador.

- Tinha de ser a minha avó para melar todos os meus planos! É sempre a mesma novela! – disse Isabel.

E a viagem seguiu. E São Paulo ficava para trás aos poucos. Eles passaram por uma placa onde estava escrito Vila dos Castores.

- Vila dos Castores. – disse Salvador – Deve ser aí que mora a família do Ronaldo Fenômeno.

No meio de tanta tristeza, Isabel riu. Mais para frente, era o córrego dos castores.

- Córrego dos Castores. Aí deve ser onde eles tomam banho. – disse Salvador.

Isabel riu de novo.

- “Corgo” dos castores. – disse Isabel, rindo – Até imagino Ronaldo e companhia aí tomando altos banhos.

- Minha mãe pensava que o nosso carro era o carro da Luz. Eu não ia falar que o carro era nosso não. Mas a Isabel falou, então tudo bem. – disse Maria Amália.

- Não sei por que você não gosta de falar para a avó o quanto a gente está prosperando. Nada a ver. É aí que eu gosto de ostentar, mostrar que a gente está prosperando, para ela não pensar que a gente está na merda. – disse Isabel.

Maria Amália e Salvador proibiam veementemente que Isabel falasse palavrão. Mas dessa vez, eles perdoaram e até acharam engraçado. E riram.

- Nossa filha é bem resolvida. – disse Salvador.

- Ô, e como. – disse Maria Amália.

Assim foi a viagem inteira. Isabel estava triste, chorou o caminho inteiro. Mas apesar da tristeza e

infelicidade, Isabel se lembrava de todos os momentos bons que passara em Marília. Das risadas que tiveram com Martin. Dos momentos em que eles passaram jogando videogame e Banco Imobiliário. Lembrou-se do papai Noel falso do shopping, e das gargalhadas ao se lembrarem da história da Coca-Cola é xixi de elefante.

Um dia inteiro de viagem, Isabel chegou em Jaraguá com a cara inchada de tanto chorar. Lá, ela e os pais descansaram, e com o dinheiro que ganhara da Angelina, Isabel comprou uma calça jeans bem estilosa. No dia seguinte, a viagem seguiu. Isabel já não chorava, mas ainda estava bem triste.

Mas nessa viagem, Deus fala com Isabel de maneira bem peculiar. Num dos postos de gasolina da beira da estrada, Salvador, Maria Amália e Isabel param para abastecer o carro e usar o banheiro.

Maria Amália e Isabel foram juntas ao toalete. Isabel a princípio entrou em um banheiro, mas aquele estava sem porta. Isabel foi em outro, que tinha porta. E

ali que Deus ia falar com ela. Isabel olhou para a parede, e estava escrito de corretivo uma palavra de fé e esperança, que dizia: SORRIA, É JESUS QUE ESTÁ PEDINDO. ELE NÃO QUER TE VER TRISTE, ELE QUER TE VER SORRINDO.

Aí Isabel viu que era palavra profética vinda de Deus. Tipo, o primeiro banheiro não tinha porta, então ela entrou em outro. Tudo nessa vida tem um propósito. Isabel se emocionou. E ao entrar no carro, ela compartilhou a experiência com seus pais, que também concordaram que era Deus falando.

### Isabel continua na peleja

Em Toca City, a vida continuava parada. A vida de Isabel agora se dividia em “antes da viagem” e “depois da viagem”. Isabel andava pelas ruas de Toca City, com sua bicicleta, ora para ir ao mercadinho da esquina, ora para ir à farmácia. Maria Amália voltou para o trabalho, e Salvador continuava sem emprego.

Depois das frustrações e desgostos, Isabel perdeu a vontade de cantar na igreja os hinos pentecostais animados que ela adorava. Agora, ela ficava só com os hinos mais lentos. Ela não havia recuperado o ânimo de cantar hinos animados pentecostais. Isabel era da turma do pentecostes, mas no momento seu entusiasmo estava esfriado.

Ah, mas isso não ficaria assim. Isabel queria voltar à ativa. Ela decidiu trabalhar em si para se tornar melhor

como pessoa. Começou a aprender inglês sozinha em casa, aprendeu também a cantar em inglês. Se inscreveu no vestibular para o curso de Estética. Decidiu que nunca mais ficaria para trás no quesito idiomas. Além do inglês, ela aprendia espanhol e francês. E em pouco tempo, Isabel estava colhendo os primeiros frutos de seu aprendizado. Como autodidata, ela aprendia inglês muito mais do que em três anos de ensino médio.

Maria Amália e Salvador estudavam para concursos públicos. Eles tentariam em Palmas e também na região do interior de São Paulo. Uma chama de esperança se reacendeu. Na verdade, Salvador e Maria Amália tinham o mesmo desejo de Isabel. O desejo de regressar ao estado de São Paulo.

Isabel orava diariamente para Deus a abençoar. Ela jamais desistiria de seus sonhos. E a tristeza de antes se transformara em garra, determinação e vontade de vencer na vida. Isabel deu cabo do desânimo, e voltou a se

animar. Isso se refletia na hora de cantar na igreja. O ritmo era contagiante.

Na primeira quinzena de Janeiro, Luz, Pedro e Martin regressaram à África, e Clara foi junto com eles. Estava sendo uma experiência incrível para ela, que iria se encontrar e se redescobrir.

A peleja dos nossos três guerreiros para vencer ainda continuava a todo vapor. Cara nos livros de um lado, idiomas para outro e assim a vida continuava. Quando eles menos esperassem, a borboleta pousaria no ombro deles sem que eles se afobem correndo atrás dela.

*Continua*